

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**RAFAEL MATHEUS FERREIRA**

---

**ANÁLISE DAS INTERVENÇÕES  
TÉCNICO-TÁTICAS DO GOLEIRO:  
Um estudo de caso em jogos de uma  
equipe profissional da série A3 do  
Campeonato Paulista de Futebol**

---

Campinas  
2011

**RAFAEL MATHEUS FERREIRA**

---

**ANÁLISE DAS INTERVENÇÕES  
TÉCNICO-TÁTICAS DO GOLEIRO:  
Um estudo de caso em jogos de uma  
equipe profissional da série A3 do  
Campeonato Paulista de Futebol**

---

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

**Orientador: Prof. Dr. Alcides José Scaglia**

Campinas  
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR ANDRÉIA DA SILVA MANZATO – CRB8/7292  
BIBLIOTECA “PROFESSOR ASDRÚBAL FERREIRA BATISTA”  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA - UNICAMP

F413a Ferreira, Rafael Matheus.  
Análise das intervenções técnico-táticas do goleiro: um estudo de caso em jogos de uma equipe profissional da série A3 do Campeonato Paulista de Futebol / Rafael Matheus Ferreira. – Campinas, SP: [s.n], 2011.

Orientador: Alcides José Scaglia.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Futebol. 2. Jogo - análise. 3. Scout. 4. Goleiros (Futebol). I. Scaglia, Alcides José. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em inglês:** Analysis of technical and tactical interventions from goalkeeper: a case study in a professional team games in the series A3 Division of the Soccer Championship of the State of São Paulo.

**Palavras-chaves em inglês:**

Match analysis

Scout

Technical and Tactical

Goalkeeper

**Titulação:** Bacharel em Educação Física

**Banca examinadora:**

Alcides José Scaglia [orientador]

Paulo Cesar Montagner

**Data da defesa:** 05-12-2011

**RAFAEL MATHEUS FERREIRA**

**ANÁLISE DAS INTERVENÇÕES TÉCNICO-  
TÁTICAS DO GOLEIRO:  
Um estudo de caso em jogos de uma equipe  
profissional da série A3 do Campeonato Paulista  
de Futebol**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Rafael Matheus Ferreira e aprovado pela Comissão julgadora em: 05/12/2011.

Prof. Dr. Alcides José Scaglia  
Orientador

Prof. Dr. Paulo César Montagner

Campinas  
2011

# Dedicatória

*Ao meu pai, pelo ensinamento diário da simplicidade e dos valores verdadeiros que um ser humano deve carregar pela vida toda.*

*À minha mãe. Pelo amor e carinho desde as primeiras horas onde me carregou no seu ventre. Amo você mãe!*

*Aos meus irmãos Reinaldo e Renan. Vocês nem sabem como me espelho em vocês e o quanto os admiro.*

*A todos os verdadeiros amigos que caminharam comigo em algum momento nessa estrada que está só começando.*

*“Os homens todos se assemelham por natureza. Eles se fazem diferentes pelos hábitos que adquirem”.*  
*(CONFÚCIO)*

# Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom divino da vida. Tenho certeza que Ele sabe o que se passa na mente deste filho seu, das dúvidas, dos medos, dos anseios, dos verdadeiros sentimentos, e da fé que tudo na vida tem um motivo para ter acontecido.

Agradeço à minha família. Meus pais, apesar de não possuírem ensino superior na faculdade, têm ensino superior na vida. Eles fizeram de tudo para que seus filhos fossem criados com educação e fossem seres humanos do bem, e com capacidade para tomarem suas próprias decisões na vida. Não mediram esforços em nunca deixar faltar nada para nós três.

Aos meus irmãos, desde os primeiros momentos. Ao “Naldo”, por seu carinho de irmão “superprotetor”, pelas brigas em que nos metemos juntos, pelos bons momentos. Por ser meu irmão mais velho, onde eu pudesse me apoiar quando fizesse as minhas besteiras. Ao “Renan”, pelos vários momentos juntos. Pela pouca diferença de idade, sempre andamos juntos em tudo, na escola, no futebol, nas brincadeiras, nos “rolês”. Eles são uma boa parte da minha existência, e assim deverão continuar pelo resto da minha vida.

A todos os amigos que conheci antes da faculdade. A todos que me ajudaram durante a caminhada por aqui. À Larissa, minha fiel escudeira por 5 anos, que me ajudou a construir este sonho quando eu estava perdido. À Mariana, que sempre me colocou os pés no chão quando necessário, mas que também me possibilitou sempre sonhar um pouco mais e passar momentos únicos e especiais ao seu lado. Tenho quase certeza absoluta que ambas nunca lerão isso, mas elas tiveram importância imensurável nessa caminhada, e não poderia jamais esquecê-las.

Ao Rodela (o Word me sugere “À Rodela”, que podia ser também a Rodela do Rodela.. enfim..) pelo companheiro inseparável e contador de histórias que sempre foi. Você faz parte do meu círculo de pessoas que quero ao meu redor sempre, apesar de todos os seus defeitos e de seu lóbulo assustadoramente enorme.

Ao Pit, que embora jovem apresenta um certo cansaço com as angústias da vida, nunca deixou de ser um amigo para todas as horas, e cuja parceria iniciada no rodeio de 2007, não vai acabar jamais! Às nossas viagens, bares, aulas, pagodes, noitadas, momentos bons e ruins, e nossos projetos futuros! É nós niggas!

Ao Serjão, o narigudo bambi mais estressadinho da sala, que fica nervoso quando perde em qualquer coisa, seja no vídeo-game, seja no cartola (Vice-Eterno), mas não arreda o pé. Você é parceirasso muleke. Compre uma chave pro seu quarto pro pessoal não invadi-lo bêbado e te encontrar dormindo. Isso pode ser eternamente desagradável!

Falando em estresse, como não citar o Murilove, Didi Mocó, menino bom, que não aguenta muita pressão. Apesar de “murilar” de vez em quando, principalmente quando a pressão o deixa assustado, não posso esquecer de cada rolê “tranquilo”, dos jogos pela FEF, do futevôlei cansado, das aventuras em Machu Picchu. Outro dia quis me dar sermão em festa, tá tudo errado mesmo. Você é outro fera que tá junto aqui pra sempre, mesmo com essa barriguinha de cocô e sua canela mais fina que a minha, fato comprovado cientificamente.

Às meninas especiais que estiveram do meu lado sempre também. Paulinha, você tem um coração e uma paciência muito maior do que qualquer pessoa possa imaginar. É muito amor pra uma pessoa só. Você fica linda quando está nervosinha! Grrrrr... Te amo meu anjo! Larissa, sua robusta, não vamos nos afastar jamais. Você é uma pessoa mais que especial que eu tive o prazer inenarrável de conhecer e me aproximar, e se eu não dissesse tudo isso e ainda não completasse com um “te amo” também, eu acho que eu apanharia então melhor me prevenir! Gabi, você se afastou um pouco por motivos naturais, mas continua sendo a Joãozinho mais querida desse coração aqui! Ao “Burro”, toma cuidado com essa moto porra! ♪ Luly luly luly luly ♪ ... você me surpreendeu, confesso que essa nossa aproximação no último semestre me fez ter uma imagem muito melhor de você, pois te conheci melhor também. Você se tornou especial!

Robertinho, Chico Mendes (vulgo Thiago Pinga), Maomé, vocês são grandes figuras também! Maomé não fique bravo, a gente gosta de você, mas se segura no próximo evento universitário pra não.. ah.. não vou mais tocar nesse assunto!

A todos do “07 noturno”, que galera fantástica! Curto, Divino, Marcelão, Paulinho, Naty, Katya (com KY), Ferpinha, Duzão, Adriano, Thiago Mariano, Aninha, Drica, Modesto, Carol, Claudião, Cris, Dani, Dirla, Marcela, Débra, Edsão, Fabinho (BBB), Grilo, Lecalp, Bruna, Lucas (aventureiro na facul). Pô devo ter esquecido alguém, foi mal!

Às equipes universitárias por onde passei como auxiliar ou treinador: futsal feminino da LEU (na iniciação como auxiliar do PH), futsal feminino da FEF (1 ano e meio de alegrias, tristezas, glórias e momentos inesquecíveis ao lado de meninas amáveis), futebol de campo da FEF (valeu rapaziada!). Como treinador universitário, foram 5 títulos (3 olimpíadas, 1 Jogos Universitários de Campinas e 1 Copa AABB de Futebol Amador). Foram experiências maravilhosas de poder colocar na prática ideias, errar, acertar e crescer junto com grandes colaboradores. A gente costumava dizer que quem treina time universitário consegue treinar qualquer equipe do mundo, pois o imprevisível está no ar o tempo todo, desde condições de material, de número de jogadores pra treinar e pra jogar, de planejamento para competições, e outras coisas mais.

Não posso esquecer daqueles treinadores universitários que me abriram muitos espaços e com os quais me identifiquei e pude travar bons momentos de trocas de idéias e discussão. Cidão, Baquete, Marcelinho, PH, Porpeta. Valeu!

Falando nestes últimos elementos, agradeço também o inesquecível e maior grupo universitário de pagode da região: Grupo de Risco! De RiCoOoOoO! Essa facul seria mais vazia se não tivesse essa formação esplêndida de bons, estudiosos e dedicados músicos! Às “De Risquetes”, que nos acompanharam e (quase) sempre foram prioridade na nossa atenção dada ao público!

PH: “Parabéns mais uma vez! Você é fera, esforçado e parceiro! Muitos ainda virão, nesse nível e em patamares mais altos! E estaremos sempre junto, como adversários no campo ou junto nele. Abc muleke! E se depois colar no gordo comemoraremos junto.”. Essa mensagem foi foda demais! Mas estamos juntos mesmo pra sempre, aprendendo muito um com o outro.

Ao Conrado e ao Porpeta. A presença de vocês no dia da defesa me deu mais confiança e ratificou o sentimento de companheirismo construído ao longo destes anos também, e na correria eu quase ia me esquecendo de falar de vocês. Crescemos juntos e continuaremos assim por muito tempo, valeu mulekes!

A todas as pessoas especiais que conviveram comigo nesses anos de graduação. Eu agradeço bastante gente aqui, pra sempre que ler isso lembrar de novo dessas e outras histórias que me vêm à mente, vividas nesse período fantástico da minha vida. Pode ser que eu tenha me esquecido de alguém por ora, porque isso é normal, mas não tira o brilho desses momentos vividos. “Ô ÉPOCA BOA!”



FERREIRA, Rafael M.. **Análise das intervenções técnico-táticas do goleiro:** Um estudo de caso em jogos de uma equipe profissional da série A3 do Campeonato Paulista de Futebol. 2011. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

## RESUMO

Vivemos num país que respira futebol diariamente. Muito se discute em todos os meios, dos informais aos formais, de norte a sul do País. O treinamento na modalidade vem evoluindo nas últimas décadas, muito disso em função das informações obtidas através de métodos de análise de jogo. O scout é um dos métodos de análise de jogo mais difundidos nos dias atuais, e nos possibilita coletar informações quantitativas e qualitativas sobre o jogo, que quando bem utilizadas, podem auxiliar na preparação para os jogos, ou seja, nas sessões de treinamento. O goleiro é um jogador diferente dos demais por poder tocar a mão na bola numa dada região do campo, e por outras regras específicas, e seu treinamento é diferenciado também. Esse trabalho se propôs a utilizar o scout para coletar dados das intervenções técnico-táticas do goleiro no jogo, a fim de contribuir para a preparação do mesmo juntamente com a equipe para os jogos. Foram analisados 8 jogos de uma equipe de futebol profissional da série A3 do Campeonato Paulista de Futebol, através da filmagem realizada por câmera de vídeo e cedida pelo cinegrafista do clube. Os dados foram divididos em ações de Saída de Gol, ações de Proteção da Meta e ações de Participação Ofensiva, sendo as informações registradas e tratadas nos softwares Skout 1.0 e Matlab®. Foram registradas 264 ações do goleiro, predominando as ações de Participação Ofensiva com 64,02% do total. Dentre as ações de Saída de Gol, a maioria foram as intervenções em bolas sem posse definida onde o goleiro a recuperou. Dentre as ações do Adversário que originaram Saídas de Gol a maioria partiu da Linha de Fundo e das Diagonais de Curta Distância. Foram somente 4,13 ações de Proteção de Meta por jogo, sendo que 96,97% ocorreram a partir de finalização com bola rolando. A maioria das finalizações foi direcionada nos quadrantes baixos do gol e originaram-se dentro da área, sendo o mesmo observado para os gols sofridos. A maioria das ações de Participação Ofensiva deu-se por meio de reposição de bola parada. As reposições de bola em jogo com os pés, tal quais as reposições de bola parada, foram em sua maioria direcionadas para o campo ofensivo e em mais de 50% dos casos resultaram na perda de posse de bola. O meio mais eficiente de reposição para manutenção da posse de bola foi a reposição de bola em jogo com as mãos (93,33% dos casos), sendo a maioria direcionada para o campo defensivo. O objetivo deste trabalho é aproximar o mundo acadêmico com a prática do futebol, fornecendo dados que possibilitem aos treinadores a utilização dos mesmos para adaptar suas sessões de treino e preparação dos goleiros para as exigências observadas nos jogos.

Palavras-Chaves: futebol; análise de jogo; scout; técnico-tático; goleiro

FERREIRA, Rafael M. **Analysis of technical and tactical interventions from goalkeeper:** A case study in a professional team games in the series A3 Division of the Soccer Championship of the State of São Paulo. 2011. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

## ABSTRACT

We live in a country that breathes soccer daily. There are many discussions about it, from the informal to the formal ones, from North to South of the country. Training in this sport has improved in the last decades, mainly because of the information obtained from methods of match analysis. Scout is one of the most spread out methods of match analysis nowadays, and it allows us to collect quantitative and qualitative information about the game which, when well used, can help the preparation for the games, that is, the training sessions. The goalkeeper is a different player among the others because he can touch the ball with his hands in a certain area of the field, and because of other specific rules, and his training is differentiated as well. This work has the purpose to use scout to collect data from the technical-tactical interventions of the goalkeeper in the game, in order to contribute for his preparation along with the team for the games. Eight games were analyzed from a soccer professional team in the A3 Division of the Soccer Championship of the State of São Paulo, through filming made by a video camera and given by the club's cameraman. The data was divided in actions of "Output Target", action of "Save Target" and actions of "Offensive Participation", while this information was registered and treated in the softwares Skout 1.0 and Matlab. 264 actions of the goalkeeper were registered, prevailing actions of Offensive Participation with 64,02% of the total. Among the "Output Target" actions, the majority was the interventions in ball possession without defined when the goalkeeper recovered it. Among the actions of the adversary that led to the "Output Target". The most started the goal line and the short diagonal distance. It was only 4.13 actions of "Save Target" per game, 96.97% of which occurred after finishing with the ball in game. Most finalization were directed at lower quadrants of the goal and originated in the area, and observed for the same goals conceded. Most actions "Offensive Participation" took place by replacement of the stationary ball. Replacements of ball in play with their feet, and replacement of the stationary ball, were mostly directed to the offensive field and more than 50% of the cases resulted in loss of possession. The most efficient replacement to maintain possession of the ball has the throw-in play with their hands (93.33% of cases), most of them directed to the defensive field. The objective of this work is to join the academic world with soccer practice, providing data to enable coaches to their use to adapt their training sessions and and preparation for the demands of goalkeeping seen in games.

Keywords: Soccer; match analysis; scout; technical and tactical; goalkeeper

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 -</b>	Tela de Preenchimento das Ações – Software Skout 1.0 .....	21
<b>Figura 2 -</b>	Referência para campograma. Adaptado de Leitão (2009, p.123) .....	23
<b>Figura 3 -</b>	Setores de origem das Ações do Adversário que ocasionaram Saídas de Gol.....	23
<b>Figura 4 -</b>	Área do gol onde a finalização é direcionada.....	24
<b>Figura 5 -</b>	Áreas de identificação para origem das Finalizações do Adversário.....	25
<b>Figura 6 -</b>	Campograma para Análise da Participação Ofensiva do Goleiro por Setor.....	27
<b>Figura 7 -</b>	Origem das Ações do Adversário que ocasionaram Saídas de Gol por Setor..	32
<b>Figura 8 -</b>	Origem das Ações do Adversário que ocasionaram Saídas de Gol Geral.....	34
<b>Figura 9 -</b>	Altura das Finalizações ao Alvo realizadas pelo Adversário.....	37
<b>Figura 10 -</b>	Origem das Finalizações do Adversário que ocasionaram Ações de Proteção da Meta por Setor.....	38
<b>Figura 11 -</b>	Origem das Finalizações do Adversário que ocasionaram ações de Proteção da Meta Geral.....	39
<b>Figura 12 -</b>	Origem das Finalizações do Adversário com Defesa Completa.....	41
<b>Figura 13 -</b>	Origem das Finalizações do Adversário com Defesa Incompleta.....	42
<b>Figura 14 -</b>	Origem das Finalizações do Adversário com Gols Sofridos.....	43
<b>Figura 15 -</b>	Altura das Finalizações ao Alvo em Relação aos Gols Sofridos.....	45
<b>Figura 16 -</b>	Campograma Geral das Ações Ofensivas nos jogos analisados.....	47
<b>Figura 17 -</b>	Reposições de Bola Parada em Todos os Jogos.....	48
<b>Figura 18 -</b>	Reposições de Bola em Jogo com as Mãos em Todos os Jogos.....	49
<b>Figura 19 -</b>	Reposições de Bola em Jogo com os Pés em Todos os Jogos.....	50
<b>Figura 20 -</b>	Recuos de Bola para o Goleiro em Todos os Jogos.....	51
<b>Figura 21 -</b>	Passes do Goleiro em Todos os Jogos.....	52
<b>Figura 22 -</b>	Reposições de Bola Parada por Setor.....	53
<b>Figura 23 -</b>	Reposições de Bola em Jogo com as Mãos por Setor.....	55
<b>Figura 24 -</b>	Reposições de Bola em Jogo com os Pés por Setor.....	56
<b>Figura 25 -</b>	Recuo de Bola para o Goleiro por Setor.....	57
<b>Figura 26 -</b>	Passes do Goleiro por Setor.....	58
<b>Figura 27 -</b>	Aproveitamento nos Setores de Reposições de Bola Parada.....	59
<b>Figura 28 -</b>	Aproveitamento nos Setores de Reposições de Bola em Jogo com as Mãos...	60
<b>Figura 29 -</b>	Aproveitamento nos Setores de Reposições de Bola em Jogo com os Pés.....	61
<b>Figura 30 -</b>	Aproveitamento nos Setores de Passes do Goleiro.....	63

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 -</b>	Resumo Geral das Ações do Goleiro nas oito partidas analisadas.....	29
<b>Tabela 2 -</b>	Ações do adversário que provocaram Ações de Saída de Gol.....	31
<b>Tabela 3 -</b>	Origem das Ações do Adversário que exigiram Ações de Saída de Gol.....	32
<b>Tabela 4 -</b>	Ações do Adversário por Setor que exigiram Ações de Saída de Gol.....	33
<b>Tabela 5 -</b>	Ações de Saída de Gol.....	35
<b>Tabela 6 -</b>	Ações do Adversário que provocaram Ações de Proteção da Meta.....	36
<b>Tabela 7 -</b>	Altura das Finalizações ao Alvo realizadas pelo adversário.....	37
<b>Tabela 8 -</b>	Origem das Finalizações do Adversário que exigiram Ações de Proteção da Meta.....	38
<b>Tabela 9 -</b>	Ações de Proteção da Meta.....	40
<b>Tabela 10 -</b>	Origem das Finalizações do Adversário com Defesa Completa.....	41
<b>Tabela 11 -</b>	Origem das Finalizações do Adversário com Defesa Incompleta.....	42
<b>Tabela 12 -</b>	Origem das Finalizações do Adversário com Gol Sofrido.....	43
<b>Tabela 13 -</b>	Gols sofridos em relação à altura das finalizações.....	44
<b>Tabela 14 -</b>	Ações de Participação Ofensiva do Goleiro.....	46
<b>Tabela 15 -</b>	Reposições de Bola Parada em Relação à Manutenção (Certa) ou Perda da Posse de Bola (Errada).....	48
<b>Tabela 16 -</b>	Reposições de Bola em Jogo com as Mãos em Relação à Manutenção (Certa) ou Perda da Posse de Bola (Errada).....	49
<b>Tabela 17 -</b>	Reposições de Bola em Jogo com os Pés em Relação à Manutenção (Certa) ou Perda da Posse de Bola (Errada).....	50
<b>Tabela 18 -</b>	Recepções de Recuos de Bola para o Goleiro em Relação à Manutenção (Certa) ou Perda da Posse de Bola (Errada).....	51
<b>Tabela 19 -</b>	Passes do Goleiro em Relação à Manutenção (Certa) ou Perda da Posse de Bola (Errada).....	52
<b>Tabela 20 -</b>	Reposições de Bola Parada por Setor.....	53
<b>Tabela 21 -</b>	Reposições de Bola em Jogo com as Mãos por Setor.....	54
<b>Tabela 22 -</b>	Reposições de Bola em Jogo com os Pés por Setor.....	55
<b>Tabela 23 -</b>	Recuo de Bola para o Goleiro por Setor.....	56
<b>Tabela 24 -</b>	Passes do Goleiro por Setor.....	57
<b>Tabela 25 -</b>	Reposição de Bola Parada por Setor x Manutenção (Certa) ou Perda (Errada) da Posse de Bola.....	59
<b>Tabela 26 -</b>	Reposição de Bola em Jogo com as Mãos por Setor x Manutenção (Certa) ou Perda (Errada) da Posse de Bola.....	60
<b>Tabela 27 -</b>	Reposição de Bola em Jogo com os Pés por Setor x Manutenção (Certa) ou Perda (Errada) da Posse de Bola.....	61
<b>Tabela 28 -</b>	Passes do Goleiro por Setor x Manutenção (Certa) ou Perda (Errada) da Posse de Bola.....	62

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>DC</b>	Defesa Completa
<b>DI</b>	Defesa Incompleta
<b>FBJ</b>	Finalização com Bola em Jogo
<b>FBP</b>	Finalização com Bola Parada
<b>GS</b>	Gol Sofrido
<b>RBJM</b>	Reposição de Bola em Jogo com as Mãos
<b>RBJP</b>	Reposição de Bola em Jogo com os Pés
<b>RBP</b>	Reposição de Bola Parada
<b>RRBG</b>	Recepção de Recuo de Bola para o Goleiro
<b>UNICAMP</b>	Universidade Estadual de Campinas

# SUMÁRIO

<b>1 Introdução</b> .....	14
<b>2 Revisão de Literatura</b> .....	16
<b>3 Objetivos</b> .....	19
<b>3.1 Gerais</b> .....	19
<b>3.2 Específicos</b> .....	19
<b>4 Metodologia</b> .....	20
<b>4.1 Sujeitos</b> .....	20
<b>4.2 Materiais</b> .....	20
<b>4.3 Procedimentos</b> .....	20
<b>4.4 Ações de Saída de Gol</b> .....	21
<b>4.5 Ações de Proteção da Meta</b> .....	23
<b>4.6 Ações de Participação Ofensiva</b> .....	25
<b>5 Resultados e Discussão</b> .....	28
<b>5.1 Ações de Saída de Gol</b> .....	30
<b>5.1.1 Ações do Adversário</b> .....	30
<b>5.1.2 Ações do Goleiro</b> .....	34
<b>5.2 Ações de Proteção da Meta</b> .....	35
<b>5.2.1 Ações do Adversário</b> .....	35
<b>5.2.2 Ações do Goleiro</b> .....	39
<b>5.2.3 Ações do Adversário x Ações do Goleiro</b> .....	40
<b>5.3 Ações de Participação Ofensiva</b> .....	45
<b>5.3.1 Ações do Goleiro</b> .....	45
<b>5.3.2 Ações do Goleiro x Manutenção da Posse</b> .....	47
<b>5.3.3 Ações do Goleiro por Setor</b> .....	52
<b>5.3.4 Ações do Goleiro por Setor x Manutenção da Posse</b> .....	58
<b>6 Conclusões</b> .....	64
<b>Referências</b> .....	69

# 1 Introdução

Vivemos num país que respira futebol diariamente. Basta ligarmos a televisão para assistir um programa de esporte, abrir um jornal em sua seção esportiva, navegar por sites na internet, ou mesmo estarmos atentos às rodas de discussão do cotidiano em bares, escolas, faculdades, clubes: o assunto esportivo mais comentado é sempre o futebol. Aliás, pouco se une o povo brasileiro em momentos de eleições presidenciais ou protestos políticos para mudar os rumos do país. Porém, quando o assunto é Copa do Mundo de Futebol, parece que um laço fraterno ressurgiu do interior dos brasileiros e nos faz sentir-nos novamente irmãos em um mês de competição com sentimentos à flor da pele em prol da torcida pela seleção nacional.

Sendo o futebol uma manifestação cultural de extrema popularidade em nosso país, abre-se uma extensa lacuna para adentrar a ciência, de forma a proporcionar espaços para discussão e reflexão, produzir conhecimentos que ajudem nas formas de ensino-aprendizagem do mesmo, e também que contribuam para a evolução dos processos de treinamento. Temos um cenário com as mais variadas discussões a respeito do futebol no Brasil, de simples torcedores até os profissionais da área, estes compostos por um sistema ainda heterogêneo, onde ficam de um lado os “boleiros” e do outro a ciência. Acreditamos que o melhor caminho seria que ambos os lados caminhassem juntos na construção de novos conhecimentos e na evolução do esporte, porém isso parece ainda estar longe de acontecer de maneira satisfatória, ao menos como acontece nos países europeus – principalmente Portugal e Espanha, que possuem inúmeros autores científicos estudiosos de futebol, e treinadores de alto nível com passagem pelas cadeiras das universidades.

Adentrando ao futebol, muito se opina diariamente sobre escalação, sistema tático, preparação física, viagens, planejamento, etc. Muito se diz, mesmo que na base do “achismo”, sobre quem deveria ser o titular, quem deveria ser convocado para a seleção nacional, como aquele jogador deveria ter batido na bola pra fazer o gol, como aquele outro pode ter perdido um gol tão incrível, entre outras coisas. Porém, existe uma posição que parece quase sempre muito ingrata: o goleiro.

Nos primeiros anos de vida, nós brasileiros (ainda predominantemente no sexo masculino, embora isso venha mudando sutilmente nos últimos anos) já ganhamos uma bola do pai ou de alguém mais velho da família – irmão, primo, tio. Logo brincamos de chutar, passar, driblar um adversário imaginário. Logo vamos brincar com outras crianças, e surge um problema: “quem vai no gol”? Normalmente, o “escolhido” (dificilmente alguém

escolhe ir fazer o papel de goleiro) é aquele que apresenta alguma inferioridade em relação aos demais – o mais fraco, o mais novo, o que joga mal. Alguns encontram ali um dos primeiros motivos para desistir de jogar futebol, afinal, ninguém (ou quase ninguém) quer ser goleiro!

Em meio a tais manifestações culturais, entre outras, quando a ciência entra no futebol, mesmo que de forma gradativa e sutil, muito pouco se encontra sobre estudos acerca do treinamento de goleiro, e do quanto este treinamento o prepara corretamente para as exigências de um jogo de futebol. Assim, fiquei instigado a investigar um pouco mais sobre como se dá a participação do goleiro durante um jogo de futebol. E como investigar a participação do goleiro num jogo de futebol? Através da análise de jogo.

Segundo Ferreira (2009, p.45):

A análise das ações técnico-tático individuais ou coletivas pode se apresentar como uma ferramenta importante para a comissão técnica poder avaliar, acompanhar e analisar os erros e acertos do seu atleta ou equipe. Pois através desses dados observados e analisados os treinadores podem estruturar e organizar um treinamento próximo das exigências do jogo.

Mais do que fazer uma análise de erros e acertos do seu atleta ou equipe, é importante primeiro analisar as exigências às quais que o mesmo costuma ser submetido nos jogos. A proposta é tentar levantar dados concretos sobre a atuação de um goleiro, tentando entender melhor as especificidades deste jogador dentro de uma partida de futebol.

Moino (não publicado) coletou dados de análise tática da exigência de situações de jogo para goleiros jovens, e foi uma das principais inspirações para este trabalho.

Este trabalho é um estudo de caso, onde assistindo a oito jogos de uma equipe que disputou o Campeonato Paulista de Futebol da Série A3 de 2011, procuramos traçar todas as intervenções técnico-táticas do goleiro em questão. O objetivo é fazer um levantamento, apresentação e discussão destes dados, de forma a contribuir para os estudos e reflexão acerca de como atua o goleiro num jogo de futebol, e manter o processo contínuo de evolução do treinamento das equipes de futebol em busca de um melhor rendimento, além de levantar subsídios para comparar futuramente com dados de ações do goleiro em situação de treino, visto que na opinião do autor deste trabalho, o treino deve ser espelhado nas manifestações que ocorrem no jogo.

Este estudo se justifica pelo fato de possuímos ainda relativamente poucos trabalhos de scout de goleiro de futebol, e para que com o uso desta ferramenta de análise, consigamos ter mais dados concretos sobre a participação do goleiro no jogo, e possamos refletir e discutir métodos de treinamento que levem a um jogar melhor para os goleiros.



## 2 Revisão de Literatura

O esporte moderno possui a cada ano que passa uma proximidade maior com os modelos de análise de jogo, na tentativa de entender e melhorar os métodos de ensino-aprendizagem-treinamento das respectivas modalidades, pautados nos conhecimentos adquiridos com a parceria (mesmo que ainda não ideal) entre teoria e prática. Falando em esporte de rendimento, a maior dificuldade dos técnicos, os “verdadeiros”, é a obtenção de informação precisa e subsidiada (LEITÃO, 2004 apud CIANCIARULO, 2010).

O jogo de futebol decorre da natureza do confronto entre dois sistemas complexos, as equipes, e caracteriza-se pela sucessiva alternância de estados de ordem e desordem, estabilidade e instabilidade, uniformidade e variedade (GARGANTA 2001 apud SILVA 2007). O futebol é repleto de imprevisibilidades, e um jogo nunca é igual ao outro. Segundo Leitão (2004), “O jogo de Futebol é um Jogo. Por ser Jogo é imprevisível. Por ser Futebol, é mais imprevisível ainda”.

Tendo o jogo de futebol uma natureza caracterizada por tantas imprevisibilidades, quando se busca ferramentas de análise de jogo tal fato deve ser considerado para que não se tente criar uma receita de bolo para vencer jogos, e sim melhorar o olhar sobre o fenômeno complexo do jogo, no sentido de preparar a equipe para estar cada vez mais apta aos desafios propostos dentro de uma partida, sem deixar de lado o sentimento de fluidez que o jogar nos permite vivenciar – sem o qual não existiria a paixão pelo futebol.

Para Garganta (2001), há muitos estudos realizados nesta área, sob diferentes denominações, tais como: observação do jogo, análise do jogo e análise notacional. Porém, a expressão mais utilizada na literatura é Análise de Jogo (GARGANTA 1997 apud GARGANTA 2001), a qual engloba diferentes fases do processo, nomeadamente a observação dos acontecimentos, a notação dos dados e a sua interpretação (FRANKS & GOODMAN, 1986; HUGHES, 1996 apud GARGANTA 2001).

O scout é uma ferramenta de análise de jogo que vem se difundindo no meio de esportes como voleibol, futebol, futsal, basquetebol, entre outros, no nosso país. Quando ligamos a televisão para assistir um programa esportivo, comentaristas vez ou outra citam dados levantados por algum sistema de scout para entender as ações das equipes nos jogos transmitidos – “*a equipe mandante teve mais posse de bola, mas a equipe adversária foi mais eficiente, pois finalizou menos mas fez mais gols e por isso venceu a partida*”. Segundo Godik (1996 apud CIANCIARULO, 2010), todo e qualquer registro de uma ou todas as ações de um

ou mais jogadores (com ou sem a bola) ou o registro da trajetória de deslocamento da bola no campo e o resultado destes deslocamentos pode ser considerado scout. Para Silva (2007),

[...] o scout é uma ferramenta auxiliar no estudo do desporto, a análise da partida é essencial para a prescrição de treinamentos e identificação dos eventos característicos do jogo. [...] O scout permite a análise das ações individuais dos jogadores e das ações coletivas da equipe, assim os pesquisadores podem levantar uma base de informações relativas ao jogo, que não seria possível organizar através da simples observação.

Cunha *et al* (2001 apud VIEIRA, 2010) afirma que o *scout* é um método numérico que fornece dados das equipes nos jogos, como número de passes, chutes e demais ações dos jogadores. De acordo com o dicionário Michaelis (1992), a definição mais aceita do termo scout refere-se à observação.

Embora tenhamos encontrado na literatura alguns trabalhos e definições sobre análise de jogo, e mais precisamente a ferramenta scout, aplicados ao futebol ou a outros esportes, muito pouco se encontra sobre scout de goleiro de futebol.

Andujar e Toro (2001) apresentaram um trabalho de comparação das ações dos goleiros que disputaram a Eurocopa de 2000 e a Copa do Mundo de Futebol de 1998. A análise de jogo, especificamente dos goleiros, segundo os autores foi útil para “quantificar comportamentos espontâneos que ocorrem em situações imprevisíveis”.

Ferreira (2009) investiga, em seu estudo, as necessidades individuais de determinado atleta do alto rendimento para aperfeiçoar algum detalhe de sua técnica visando à melhora do seu desempenho, no caso, o goleiro.

Souza (2009) publicou um artigo no site de estudos acerca do futebol denominado Universidade do Futebol, onde coletou informações sobre as ações de um goleiro em uma partida específica, também utilizando o método de scout. Segundo o autor, o mesmo utilizaria a descrição e quantificação das ações do goleiro para discutir com seus atletas as possibilidades de segmentar os treinamentos de acordo com as necessidades ocorridas durante os últimos jogos, ou seja, o treino deverá ser um prosseguimento de uma partida.

Para Vieira (2009, p. 29), “[...] a ferramenta mais indicada para a avaliação dos atributos técnicos-táticos do goleiro durante uma partida é o scout”. Porém, segundo o mesmo autor, o scout nos permite ainda, através da análise dos números, conhecer todas as variáveis do jogo e saber de seu time e do time a ser observado onde estão todos os pontos fortes e fracos, para podermos definir uma estratégia a ser seguida. Vieira alerta ainda para os cuidados que se deve tomar com relação à clareza dos critérios de avaliação utilizados na coleta dos dados, de forma que dados objetivos não se tornem meramente subjetivos.

Torna-se muito importante, portanto, que os conceitos adotados durante o estudo de análise de jogo através do scout sejam bem claros para que tal método seja eficiente na discussão dos dados levantados, de maneira a deixar o estudo o mais objetivo e o menos subjetivo possível.

Reunir os conceitos de análise de jogo e scout aplicadas ao objetivo de colher dados quantitativos sobre as ações do goleiro no jogo de futebol nos propiciará entender melhor os elementos do jogo para esta função, contribuindo assim na reflexão para evolução do treinamento de goleiros e da equipe como um todo.

## **3 Objetivos**

### **3.1 Gerais**

O objetivo deste trabalho é analisar as intervenções técnico-táticas de um goleiro profissional, de um determinado clube, durante 08 (oito) partidas disputadas no Campeonato Paulista de Futebol da Série A3 do Campeonato Paulista do ano de 2011, organizado pela Federação Paulista de Futebol.

### **3.2 Específicos**

- Dividir as intervenções em: Ações de Saída de Gol, Ações de Proteção da Meta e Ações de Participação Ofensiva.
- Analisar, em média, a predominância das ações do goleiro numa partida de futebol.
- Analisar os resultados específicos dentro de cada um dos grupos de ações definidos no primeiro tópico

## 4 Metodologia

### 4.1 Sujeitos

O sujeito da pesquisa foi o goleiro da equipe profissional do clube escolhido para o estudo, situado em uma cidade do interior do estado de São Paulo e filiado à Federação Paulista de Futebol, que disputou o Campeonato Paulista de Futebol da série A3 no ano de 2011. Portanto esta pesquisa é caracterizada como um estudo de caso, e foi autorizada pelo departamento profissional do clube mediante documento em posse do autor deste estudo.

### 4.2 Materiais

Para a realização deste trabalho, os jogos foram filmados pelo cinegrafista oficial do clube e gravados em DVD. A equipe disputou 18 jogos no total, metade dos jogos (9) em casa e a outra metade (9) fora, sendo que a filmagem de alguns deles não foram disponibilizados para este trabalho. Após receber a autorização do clube escolhemos, dentre o que foi disponibilizado, 4 jogos dentro de casa e 4 jogos fora de casa, sendo que em todos os adversários foram diferentes. Para a coleta e análise dos jogos foram utilizados os seguintes materiais:

- 8 mídias de DVD fornecidas pelo cinegrafista oficial do clube;
- 1 aparelho de DVD Philco PH 131;
- 1 televisão LG 29”;
- 1 notebook Positivo com Windows XP Professional;
- 1 pen drive (4g);
- 1 software Microsoft Office Excel 2007;
- 1 software Skout 1.0 patchlevel 1 (Barros et. al 2006);
- 1 software Matlab® R2007b;

### 4.3 Procedimentos

Foram analisadas as gravações de vídeo de 08 (oito) partidas de futebol para coleta dos dados. Os jogos foram selecionados de acordo com a disponibilidade de gravações oferecida pelo clube, e escolhidos pelo critério de serem jogos contra equipes diferentes e

todos onde o goleiro foi o mesmo. Também foi considerado para a escolha dos jogos o critério de mesmo número de jogos dentro de casa e fora de casa, sendo quatro em cada situação. Em todos os jogos foram analisadas somente as intervenções do goleiro do referido clube escolhido para este estudo.

A análise foi feita assistindo aos jogos no aparelho de DVD ligado a uma televisão, sendo os dados coletados inseridos no software Skout 1.0 (BARROS et. al 2006). Para registrar uma ação no software procede-se da seguinte maneira: clicar no local do campo referente aonde ocorreu a ação, clicar no botão referente ao jogador em questão, e clicar no botão referente à descrição da ação em si.



**Figura 1:** Tela de Preenchimento das Ações – Software Skout 1.0.

As ações dos goleiros foram divididas em 03 (três) grupos principais: Ações de Saída de Gol, Ações de Proteção da Meta e Ações de Participação Ofensiva.

#### 4.4 Ações de Saída de Gol

Estas ações referem-se à exigência do goleiro de proteger a grande área do

gol que defende, na tentativa de interceptar um passe (e todas as suas variações: cruzamentos, lançamentos) ou bolas quebradas pela equipe adversária, ou ainda sair do gol para recuperar uma bola que não tinha posse definida. As Ações do Adversário que provocam uma Ação de Saída de Gol são:

- Cobrança de Escanteio – ação onde o adversário bate um escanteio em direção à área, na tentativa de fazer um cruzamento e não uma finalização.
- Cobrança de Falta – ação onde o adversário faz uma cobrança de falta em direção à área, na tentativa de fazer um cruzamento, passe ou lançamento, e não uma finalização.
- Cruzamento/Lançamento/Passo – ação originada com a bola em jogo, onde o adversário tem a intenção de realizar um passe, um cruzamento para a área ou mesmo um lançamento de longa distância.

As ações de Saída de Gol do goleiro são então:

- Bola Recuperada – bola sem posse, oriunda de uma disputa ou cruzamento/lançamento/passe errado, onde o goleiro realiza a recuperação da posse sem sofrer pressão de marcação adversária.
- Saída Completa – interceptar uma tentativa de passe, cruzamento ou lançamento do adversário, originado com a bola em jogo ou bola parada, ficando o goleiro com a posse da mesma.
- Saída Incompleta – interceptar uma tentativa de passe, cruzamento ou lançamento do adversário, originado com a bola em jogo ou bola parada, ficando o goleiro sem a posse da mesma, espalmado-a ou realizando uma ação de segurança no intuito de afastá-la da proximidade do gol que defende.

Para todas as situações onde observarmos origens e destinos de ações num campograma, dividiremos o campo em linhas horizontais de acordo com a distância em relação ao gol defendido pelo goleiro, utilizando e adaptando as linhas de referência defensiva dadas por LEITÃO (2009, p. 123), incluindo a divisão em faixas (lateral e centro), a fim de observar onde o mesmo realiza suas ações aqui mencionadas.





meta defendida diante do arremate/finalização da equipe adversária. Somente serão consideradas finalizações direcionadas ao gol, excluindo-se as finalizações para fora, no intuito de avaliar especificamente as intervenções do goleiro. As ações do adversário que provocam ações de proteção da meta são:

- Finalização com Bola em Jogo – ação oriunda do adversário onde é realizada uma finalização com bola em jogo, ou seja, bola rolando.
- Finalização com Bola Parada – ação oriunda do adversário onde é realizada uma finalização com bola parada.

As ações de proteção da meta são:

- Defesa Completa – ação oriunda do goleiro onde ele realiza uma defesa e fica com a posse da mesma.
- Defesa Incompleta – ação oriunda do goleiro onde ele realiza uma defesa e fica sem a posse da mesma.
- Gol Sofrido – momento onde o goleiro falha na proteção da meta, e sofre um gol, sendo considerado na análise o local de onde fora feita a finalização.

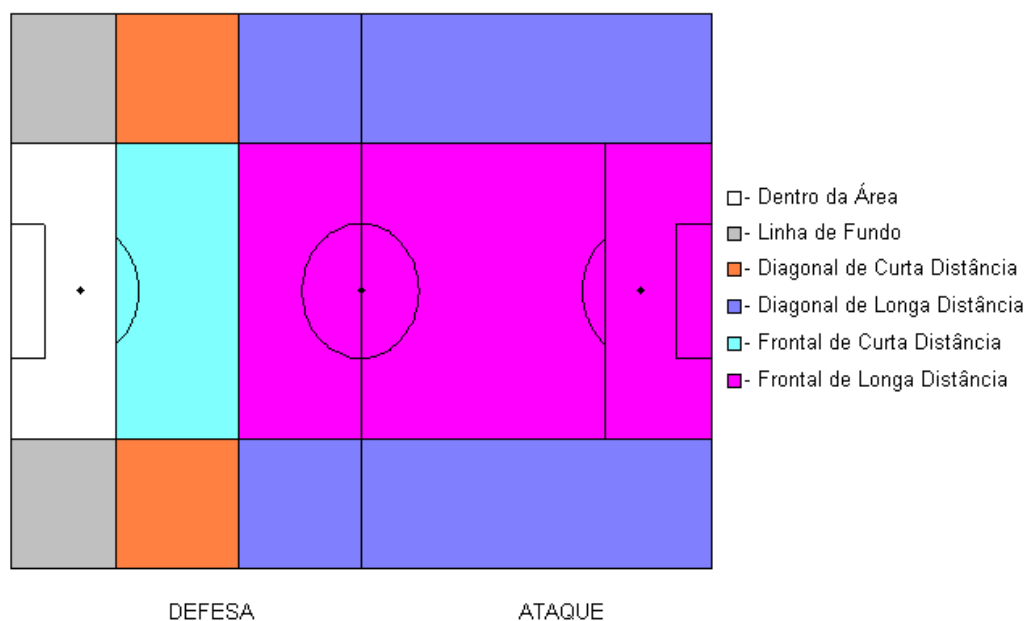
Além dessas anotações, foram observadas também e inseridas numa planilha do Excel, a altura do gol para onde foram direcionadas as finalizações do adversário, excluindo-se as finalizações erradas (para fora), que foram classificadas de acordo com a altura no gol em: Baixo (abaixo da linha de cintura do goleiro), Médio (entre a linha de cintura e a cabeça do goleiro) e Alto (acima da altura da cabeça do goleiro).

<b>ALTO</b>	<b>ALTO</b>	<b>ALTO</b>
<b>MÉDIO</b>	<b>MÉDIO</b>	<b>MÉDIO</b>
<b>BAIXO</b>	<b>BAIXO</b>	<b>BAIXO</b>

**Figura 4:** Área do gol onde a finalização é direcionada

Além disso, faremos uma análise da Origem das Ações do Adversário

(Finalizações) que provocam Ações de Proteção da Meta do goleiro. Para isso, dividimos o campo em áreas para melhor identificação e agrupamento dos dados. Os setores são denominados em: Dentro da Área, Linha de Fundo, Diagonal de Curta Distância, Diagonal de Longa Distância, Frontal de Curta Distância e Frontal de Longa Distância, conforme a figura a seguir:



**Figura 5:** Áreas de identificação para origem das Finalizações do Adversário

#### 4.6 Ações de Participação Ofensiva

Estas ações referem-se à exigência do goleiro na participação do momento ofensivo da equipe, seja ele iniciando uma jogada de bola parada, fazendo a reposição de uma bola recuperada ou defendida, ou dando uma linha de passe e recebendo a bola, auxiliando na manutenção da posse da mesma em favor da sua equipe ou realizando uma ação de segurança. Para tal, neste grupo de ações, não serão consideradas a ação do adversário, pois não têm relação direta com a participação ofensiva do goleiro. As ações serão divididas em:

- Reposição de Bola Parada – ação onde o goleiro repõe a bola em jogo após a bola ter saído de jogo ou ter ocorrido alguma infração adversária, como impedimento ou falta.
- Reposição de Bola em Jogo com as Mãos – ação onde o goleiro repõe uma bola em jogo com as mãos, tendo feito anteriormente uma ação de saída de gol ou de proteção da meta, ou mesmo recebido um recuo de bola onde

pudesse pegá-la com as mãos.

- Reposição de Bola em Jogo com os Pés – ação onde o goleiro, com a posse de bola em mãos, opta por repor a mesma em jogo com os pés, tendo feito anteriormente uma ação de saída de gol ou de proteção da meta, ou mesmo recebido um recuo de bola onde pudesse pegá-la com as mãos.
- Recepção de Recuo de Bola – ação onde o goleiro faz a recepção, com as mãos ou com os pés, de um recuo de bola de um companheiro.
- Passe – ação onde o goleiro executa um passe com os pés após um recuo de bola ou uma bola recuperada que optou por não segurar com as mãos e sim fazer um passe direto.

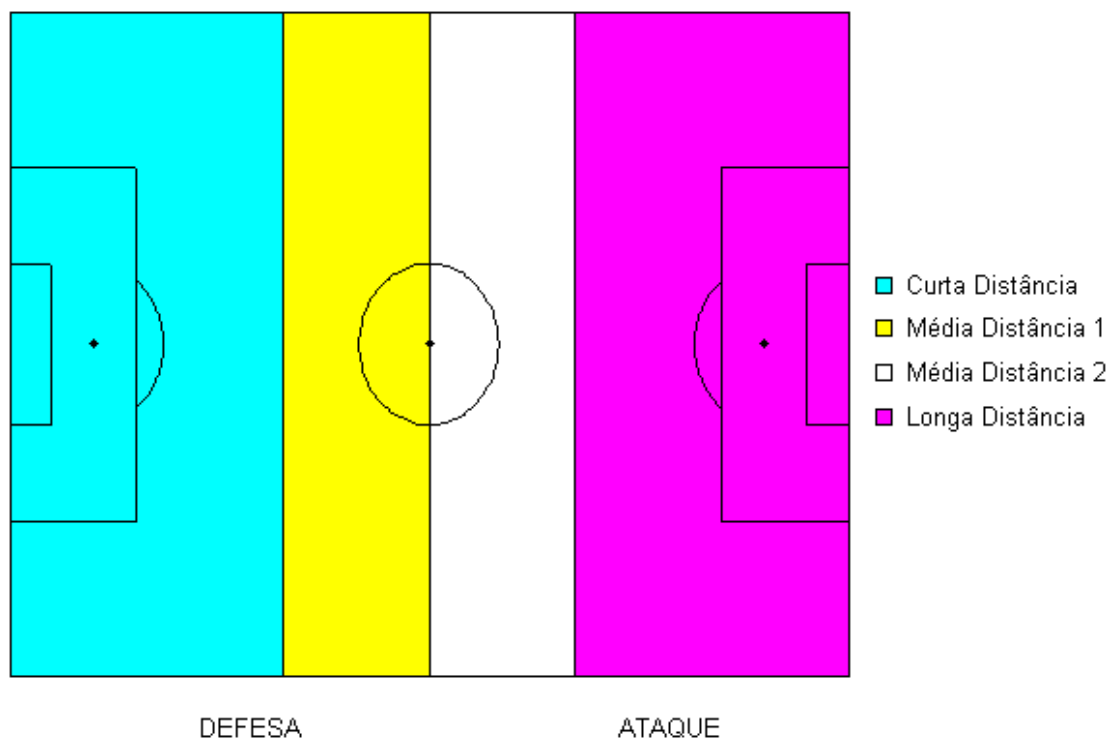
Para efeito de controle na coleta de dados através do software Skout 1.0, nas ações de passe e reposição de bola (bola parada, bola em jogo com as mãos e bola em jogo com os pés), será considerado o destino da ação realizada pelo goleiro, enquanto nas ações de recuo de bola será considerada a origem da ação realizada pelo companheiro que fez o recuo.

Para este grupo de Ações faremos uma análise qualitativa relacionada à **Manutenção da Posse de Bola**, dividindo as ações de participação ofensiva em:

- Certas: ações cuja sequência imediata da ação do goleiro culminou em manutenção da posse de bola por parte da sua equipe.
- Erradas: ações cuja sequência imediata da ação do goleiro culminou em perda da posse de bola por parte da sua equipe.

Também faremos uma Análise das Ações de Participação Ofensiva **por Setor**, considerando e adaptando as linhas de referência defensiva de Leitão (2009), as quais serão classificadas em:

- Curta Distância: referente à zona compreendida entre o gol defendido e a faixa intermediária com limite na Linha 4 de Marcação.
- Média Distância 1: referente à zona compreendida entre a Linha 4 e Linha 3 de Marcação.
- Média Distância 2: referente à zona compreendida entre a Linha 3 e a Linha 2 de marcação.
- Longa Distância: referente à zona compreendida à frente da Linha 2 de Marcação.



**Figura 6:** Campograma para Análise da Participação Ofensiva do Goleiro por Setor

Faremos também uma comparação entre as Ações de Participação Ofensiva do Goleiro, a Manutenção da Posse de Bola e o Setor.

## 5 Resultados e Discussão

A discussão e interpretação dos dados de cada jogo dependem das mais diversas variáveis de uma partida, bem como imprevisibilidades e problemas que possam vir a surgir e terem de ser resolvidos pelos jogadores presentes. O resultado adverso ou a favor, o fator campo e suas implicações psicológicas, as estratégias de jogo adotadas pela equipe e pelo adversário, inferioridade ou superioridade numérica, classificação no campeonato, condições do campo e clima, entre outros, são alguns dos fatores que podem fazer mudar a direção do jogar de uma equipe de futebol.

Por isso, os dados aqui levantados, buscam traçar um perfil provável da participação de determinado goleiro de uma determinada equipe, num determinado campeonato. Essas condições, bem como as mencionadas no parágrafo assim, podem mudar a forma de jogar de uma equipe, e conseqüentemente a forma de participar do jogo de cada jogador – entre eles, o goleiro. Os dados que são mais recorrentes na participação de um goleiro podem não o ser na participação de outro.

Apresentaremos os dados mostrando, para as oito partidas analisadas, o número total de ações, as médias, as porcentagens, mínimo e máximo para cada ação, seguindo a divisão proposta no início deste estudo em: *ações de saída de gol*, *ações de proteção da meta* e *ações de participação ofensiva*.

Considerando o total de ações do goleiro, o estudo apontou para uma exigência de 264 ações do goleiro ao final das oito partidas, sendo em média 33 ações por partida. O mínimo observado foram 17 ações numa partida e o máximo observado foram 42 ações.

A maior parte das ações do goleiro observadas por este estudo, 64,02% foram ações de Participação Ofensiva, ou seja, exatas 169 ações nas oito partidas. Em média foram 21,13 ações por partida, sendo que no mínimo foram observadas 08 ações e no máximo 27 ações de participação ofensiva numa única partida.

Em seguida, 23,48% foram ações de Saídas de Gol, ou seja, exatas 62 ações nas oito partidas. Em média foram 7,75 ações por partida, sendo que o mínimo observado foram 04 ações e o máximo observado foram 12 ações de saída de gol numa única partida.

Em relação ao total, apenas 12,50% foram ações de Proteção de Meta, ou seja, exatas 33 ações nas oito partidas. Em média foram 4,13 ações por partida, sendo que o mínimo observado fora 1 ação e o máximo observado foram 7 ações de proteção de meta

numa única partida.

Ação Observada	Total	Média	Porcentagem	Mínimo	Máximo
Todas as Ações	264	33,00	100,00%	17	42
Ações de Participação Ofensiva	169	21,13	64,02%	8	27
Ações de Saída de Gol	62	7,75	23,48%	4	12
Ações de Proteção da Meta	33	4,13	12,50%	1	7

**Tabela 1:** Resumo Geral das Ações do Goleiro nas oito partidas analisadas

De acordo com o observado, pudemos notar que a maior parte da ação do goleiro nos jogos analisados, se deu no momento ofensivo da equipe, através de abertura de linha de passe para receber um recuo de bola, participação nas reposições de bola e passes para os companheiros. Este resultado por si só, já abre uma reflexão do quanto é importante o goleiro treinar cada vez mais momentos junto com a equipe, e não de forma isolada, de maneira a compreender melhor o modelo de jogo da equipe, ou seja, sua identidade coletiva Leitão (2009). Cada vez se torna mais importante o goleiro estar inserido em tal processo.

Pensando pela ótica dos princípios operacionais (Bayer, 1992), entendemos que a função determinante do goleiro no jogo de futebol seja a proteção do alvo, visto que este é na maioria das vezes o último jogador entre a bola e o gol, e que, portanto, se falhar, há grande chance de ocorrer o gol do adversário. Porém os dados aqui levantados nos levam a refletir, não sobre a ação determinante do goleiro analisado (proteção do alvo), e sim a ação que acaba sendo predominante pelos dados levantados (participação ofensiva). Esta relação entre predominante e determinante pode nos ajudar a refletir o quanto cada um tem de importância no momento de se treinar para o jogo.

Andujar e Toro (2001) realizaram um estudo semelhante com goleiros profissionais na disputa da Copa do Mundo de 1998 e da Eurocopa 2000. No mundial, em média os goleiros participaram com 48 ações (sendo 26 ofensivas e 22 defensivas) por partida; no campeonato europeu a média foi ainda maior, onde eles participaram com 57 ações (28,5 ofensivas e 28.5 defensivas) por partida. Números superiores, tanto no total, quanto nas ações separadas (ofensivas e defensivas), porém o estudo citado considerou ações onde o goleiro sofreu finalizações para fora, ao contrário deste, o que deixa de ser uma comparação absoluta.

Abaixo segue um quadro com o resumo de todas as ações do goleiro nos oito jogos analisados por este estudo:

### Análise Quantitativa das Ações de Saída de Gol

Ações do Adversário		Ações do Goleiro	Total	% Específico	% Geral
Escanteio	7	Bola Recuperada	24	38,71%	9,09%
Falta	11	Saída Completa	18	29,03%	6,82%
Passe/Lança/Cruza	27	Saída Incompleta	20	32,26%	7,58%
Total	45	Total	62	100,00%	23,48%

### Análise Quantitativa das Ações de Proteção da Meta

Ações do Adversário		Ações do Goleiro	Total	% Específico	% Geral
FBJ no Alvo	32	Defesa Completa	11	33,33%	4,17%
FBP no Alvo	1	Defesa Incompleta	12	36,36%	4,55%
FBJ pra Fora	38	Gol Sofrido	10	30,30%	3,79%
FBP pra Fora	4				
Total	75	Total	33	100,00%	12,50%

### Análise Quantitativa das Ações de Participação Ofensiva

Ações do Adversário		Ações do Goleiro	Total	% Específico	% Geral
Não foram computadas na contagem das Ações de Participação Ofensiva do Goleiro		Reposição Bola Parada	92	54,44%	34,85%
		Reposição Bola em Jogo com as Mãos	30	17,75%	11,36%
		Reposição Bola em Jogo com os Pés	24	14,20%	9,09%
		Recepção de Recuo de Bola para o Goleiro	13	7,69%	4,92%
		Passes	10	5,92%	3,79%
		Total	169	100,00%	64,02%

**Quadro 1:** Resumo Geral das Ações do Goleiro  
(FBJ = Finalização com Bola em Jogo; FBP = Finalização com Bola Parada)

## 5.1 Ações de Saída de Gol

Ao final das oito partidas analisadas, pudemos observar 62 ações de Saída de Gol, sendo em média 7,75 por partida. Observando as ações do adversário que provocaram ações de Saída de Gol por parte do goleiro, pudemos coletar 45 ações (72,58%), sendo que as 17 (27,42%) ações restantes foram oriundas de bolas cuja posse não tinha equipe definida e o goleiro realizou uma saída de gol.

### 5.1.1 Ações do Adversário

A maior parte das ações do adversário observadas neste item foram ações de Cruzamento/Lançamento/Passes com bola rolando, responsáveis por 60% do total, ou seja, exatas 27 ações nas oito partidas. Em média foram 3,38 ações por partida, sendo que no mínimo foram observadas 0 (zero) e no máximo 8 ações numa única partida.

Em seguida, com 24,44% do total, as ações do adversário que mais exigiram ações de saída de gol do goleiro foram ações de Cobrança de Falta, com exatas 11 ações nas partidas analisadas. O mínimo observado foi 0 (zero) e o máximo observado foram 2 ações

em uma única partida.

As ações do adversário que menos exigiram saídas de gol do goleiro foram as ações de Cobrança de Escanteio, representando 15,56% do total, sendo observadas 7 destas ações nas oito partidas analisadas. Em média foram 0,88% ações por jogo, sendo no mínimo 0 (zero) e no máximo 3 ações numa partida.

Ação Observada	Total	Média	Porcentagem	Mínimo	Máximo
Todas as Ações do Adversário	45	5,63	100,00%	2	10
Passe / Lançamento / Cruzamento	27	3,38	60,00%	0	8
Falta	11	1,38	24,44%	0	2
Escanteio	7	0,88	15,56%	0	3

**Tabela 2:** Ações do adversário que provocaram Ações de Saída de Gol

Em geral, podemos observar que são poucas ações (menos de 50% juntas) de bola parada que exigiram ações de saída de gol. Isso serve como um dado importante para ser usado durante o treinamento da equipe, se assim a comissão técnica entender.

Partimos então para uma análise mais detalhada, observando a **Origem das Ações do Adversário** que provocam ações de saída de gol do goleiro, e apresentamos a seguir os resultados, lembrando que as ações analisadas são *Passes* (que envolvem passes, cruzamentos e lançamentos), *Faltas* e *Escanteios*, e os setores foram divididos em Linha de Fundo, Diagonal de Curta Distância, Diagonal de Longa Distância, Frontal de Curta Distância e Frontal de Longa Distância.

Constatamos que as áreas onde mais houve ações do adversário que originaram Saídas de Gol do goleiro observado, foram a Linha de Fundo e a Diagonal de Curta Distância, cada uma com 35,56% do total das ações do adversário e 16 ocorrências em oito partidas. Portanto apareceram em média 2 vezes por partida, tendo ocorrido no mínimo 0 (zero) vezes e no máximo 4 vezes por jogo. Analisamos que isso foi observado em maior escala, por se tratar de setores próximos ao gol, porém não frontais a ele, e não tão favoráveis, portanto, a uma finalização, e sim à tentativa de um último passe buscando um companheiro em melhor situação para finalizar. Pensando pela ótica de um treinador, entendemos que o goleiro deveria avaliar essa situação (bola em posse do adversário em um dos 2 setores aqui mencionados) como uma possível situação de risco para um último passe, e assim estar concentrado ao máximo a fim de tomar a melhor decisão na hora de fazer a intervenção, se assim julgar necessário.

A segunda situação mais observada foram as ações oriundas do setor Frontal de Curta Distância, com 11,11% do total, apresentando 5 ocorrências nas oito partidas analisadas.

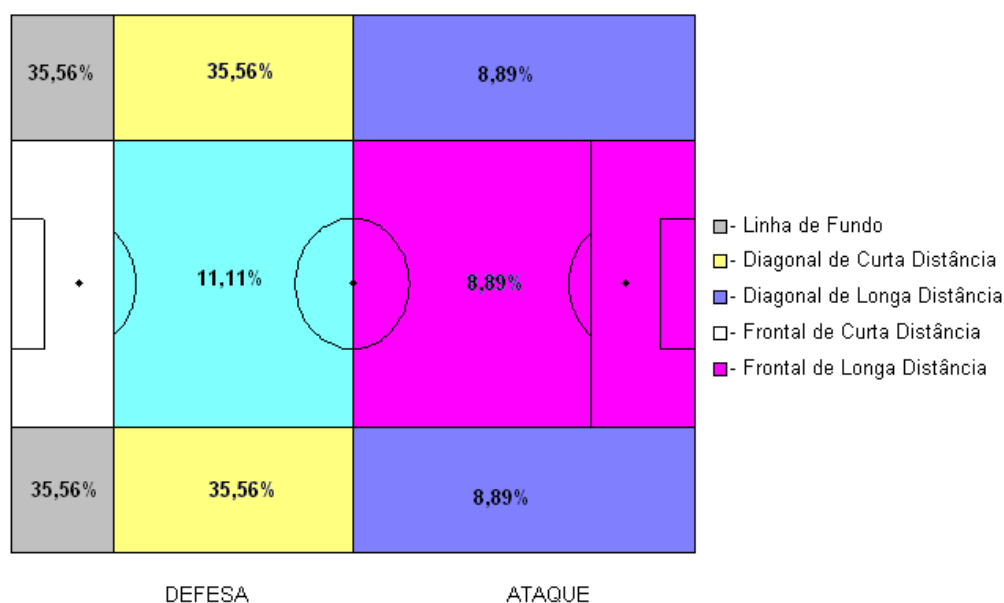


Por último, os setores que menos originaram ações de saída de gol do goleiro, foram a Diagonal de Longa Distância e a Frontal de Longa Distância cada uma com 8,89% do total das ações do adversário e 4 ocorrências em oito partidas. Portanto apareceram em média 0,5 vezes por partida, tendo ocorrido no mínimo 0 (zero) vezes e no máximo 2 vezes por jogo. Entendemos que, por se tratarem de setores de longa distância, dificilmente se tenta um último passe para um companheiro, devido à maior possibilidade de erro (mais adversários no caminho, maior trajetória a percorrer em direção ao gol, entre outros problemas). Neste momento o goleiro deve estar atento e concentrado, para por exemplo, atuar na comunicação com o sistema defensivo da sua equipe, a fim de corrigir falhas no balanço defensivo, flutuação e cobertura defensiva.

Origem da Ação do Adversário	Total	Média	Mín.	Máx.	% Ação Adv.	% Total
Linha de Fundo	16	2,00	0	4	35,56%	25,81%
Diagonal de Curta Distância	16	2,00	0	4	35,56%	25,81%
Diagonal de Longa Distância	4	0,50	0	2	8,89%	6,45%
Frontal de Curta Distância	5	0,63	0	2	11,11%	8,06%
Frontal de Longa Distância	4	0,50	0	2	8,89%	6,45%
<b>TOTAL DE SAÍDAS APÓS AÇÃO DO ADVERSÁRIO</b>	<b>45</b>	<b>5,63</b>	<b>2</b>	<b>10</b>	<b>100,00%</b>	<b>72,58%</b>
<b>TOTAL DE SAÍDAS APÓS BOLA SEM POSSE DEFINIDA</b>	<b>17</b>	<b>2,13</b>	<b>0</b>	<b>5</b>	<b>-</b>	<b>27,42%</b>
<b>TOTAL DE SAÍDAS DE GOL</b>	<b>62</b>	<b>7,75</b>	<b>4</b>	<b>12</b>	<b>-</b>	<b>100,00%</b>

**Tabela 3:** Origem das Ações do Adversário que exigiram Ações de Saída de Gol

A figura a seguir ilustra, com dados de porcentagem, o local de origem das ações do adversário que resultaram em saídas de gol.



**Figura 7:** Origem das Ações do Adversário que ocasionaram Saídas de Gol por Setor

Cruzando os dados das ações específicos do adversário (Passes, Faltas, Escanteios) com os setores determinados (Linha de Fundo, Diagonal de Curta Distância, Diagonal de Longa Distância, Frontal de Curta Distância e Frontal de Longa Distância), constatamos que as ações que mais demandaram saídas de gol do goleiro, foram na ordem: *Passes Diagonais de Curta Distância*, *Escanteios*, *Passes da Linha de Fundo* e *Faltas Diagonais de Curta Distância*. Já as ações de *Faltas Diagonais de Longa Distância* e *Faltas Frontais de Longa Distância*, que poderiam exigir ações de saída de gol do goleiro, não ocorreram nenhuma vez nos jogos analisados.

Os Passes Diagonais de Curta Distância representam 22,22% das Ações do Adversário observadas neste item, com um total de 10 ocorrências nas oito partidas analisadas. Isso significa uma média de 1,25 ocorrências por jogo, tendo acontecido no mínimo 0 (zero) e no máximo 3 ações de passes diagonais de curta distância por jogo.

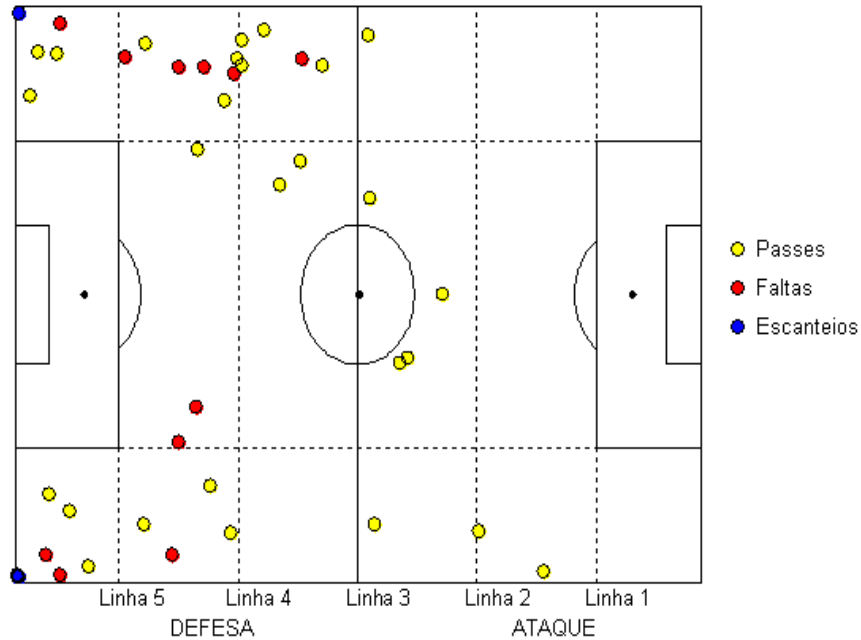
Já os Escanteios representam 15,56% das Ações do Adversário observadas neste item, com um total de 7 ocorrências nas oito partidas analisadas. Isso significa uma média de 0,88 ocorrências por jogo, tendo acontecido no mínimo 0 (zero) e no máximo 3 ações de escanteio por jogo.

Os Passes da Linha de Fundo e as Faltas Diagonais de Curta Distância empataram na nossa análise, cada um com 13,33% das Ações do Adversário observadas neste item, com um total de 6 ocorrências cada nas oito partidas analisadas. Isso significa uma média de 0,75 ocorrências por jogo, tendo acontecido no mínimo 0 (zero) de cada, e no máximo 2 ações de faltas diagonais de curta distância e 3 ações de passes da linha de fundo.

Ação Observada	Total	Média	Mín.	Máx.	% Ação Adv.	% Total
Passes Diagonais Curta Distância	10	1,25	0	3	22,22%	16,13%
Escanteios	7	0,88	0	3	15,56%	11,29%
Faltas Diagonais Curta Distância	6	0,75	0	2	13,33%	9,68%
Passes Linha de Fundo	6	0,75	0	3	13,33%	9,68%
Passes Diagonais Longa Distância	4	0,5	0	2	8,89%	6,45%
Passes Frontais Longa Distância	4	0,5	0	2	8,89%	6,45%
Faltas Linha de Fundo	3	0,38	0	2	6,67%	4,84%
Passes Frontais Curta Distância	3	0,38	0	2	6,67%	4,84%
Faltas Frontais Curta Distância	2	0,25	0	2	4,44%	3,23%
Faltas Diagonais Longa Distância	0	0	0	0	0,00%	0,00%
Faltas Frontais Longa Distância	0	0	0	0	0,00%	0,00%
<b>TOTAL FALTAS</b>	<b>11</b>	<b>1,38</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>24,44%</b>	<b>17,74%</b>
<b>TOTAL PASSES</b>	<b>27</b>	<b>3,38</b>	<b>0</b>	<b>8</b>	<b>60,00%</b>	<b>43,55%</b>
<b>TOTAL ESCANTEIOS</b>	<b>7</b>	<b>0,88</b>	<b>0</b>	<b>3</b>	<b>15,56%</b>	<b>11,29%</b>
<b>TOTAL DE SAÍDAS APÓS AÇÃO DO ADVERSÁRIO</b>	<b>45</b>	<b>5,63</b>	<b>2</b>	<b>10</b>	<b>100,00%</b>	<b>72,58%</b>
<b>TOTAL DE SAÍDAS APÓS BOLA SEM POSSE DEFINIDA</b>	<b>17</b>	<b>2,13</b>	<b>0</b>	<b>5</b>	<b>-</b>	<b>27,42%</b>
<b>TOTAL DE SAÍDAS DE GOL</b>	<b>62</b>	<b>7,75</b>	<b>4</b>	<b>12</b>	<b>-</b>	<b>100,00%</b>

Tabela 4: Ações do Adversário por Setor que exigiram Ações de Saída de Gol

O campograma a seguir ilustra a origem e o tipo de cada uma das ações do adversário que resultaram em saídas de gol.



**Figura 8:** Origem das Ações do Adversário que ocasionaram Saídas de Gol Geral

### 5.1.2 Ações do Goleiro

Observando então as **Ações de Saída de Gol** do goleiro analisado, constatamos que a maior parte das ações foram as Bolas Recuperadas, com 38,71% do total, ou seja, 24 ações nas 8 partidas. Em média foram 3 ações por jogo, sendo no mínimo 0 (zero) e no máximo 6 bolas recuperadas numa única partida.

Em seguida observamos as ações de Saída Incompleta, com 32,26% das ações, representadas por um total de 20 ações nas 8 partidas. Em média foram 2,5 ações por jogo, sendo no mínimo 0 (zero) e no máximo 5 saídas incompletas numa única partida.

Em relação ao total, 29,03% das ações foram ações de Saída Completa, representadas por 18 ações nas 8 partidas. Em média foram 2,25 ações por jogo, sendo no mínimo 0 (zero) e no máximo 5 saídas completas numa única partida.

Ação Observada	Total	Média	Porcentagem	Mínimo	Máximo
Todas as Saídas de Gol	62	7,75	100,00%	4	12
Bola Recuperada	24	3,00	38,71%	0	6
Saída Incompleta	20	2,50	32,26%	0	5
Saída Completa	18	2,25	29,03%	0	5

**Tabela 5:** Ações de Saída de Gol

Aqui neste quesito observamos que há pouca diferença entre as Saídas Completas e Saídas Incompletas. Este dado pode ser útil, por exemplo, no intuito de ter parâmetros para aumentar o número de Saídas Completas, onde o goleiro fica com a posse de bola, e diminuir o número de Saídas Incompletas, onde o goleiro fica sem a posse da bola. Porém deve ser discutido com o goleiro, sempre a melhor tomada de decisão para cada situação, e avaliar quando é possível realizar uma saída ficando com a posse da bola, e quando a melhor opção é simplesmente afastá-la da zona de perigo.

## 5.2 Ações de Proteção da Meta

Ao final das oito partidas analisadas, pudemos observar 33 ações de Proteção da Meta, sendo em média, 4,13 por partida. Observando as ações do adversário que provocaram tais ações por parte do goleiro, pudemos coletar 33 ações de finalização em gol, além de outras 42 finalizações para fora, que aqui não serão analisadas por não terem intervenção efetiva do goleiro.

### 5.2.1 Ações do Adversário

Para análise das **Finalizações do Adversário**, consideraremos então somente as ações de finalização em gol, descartando as finalizações para fora (ou interceptadas por jogadores de linha), para que possamos observar a exigência de participação do goleiro em tais momentos. E podemos observar a partir de dois tipos de ações: *Finalização com Bola Parada* ou *Finalização com Bola em Jogo*.

Constatamos que a maioria consistiu em Finalização com Bola em Jogo, responsáveis por 96,97% do total, ou seja, exatas 32 ações nas oito partidas. Em média foram 4 ações por partida, sendo que no mínimo foi observada 1 ação e no máximo 7 ações numa única partida.

Já as ações de Finalização com Bola Parada que provocaram ações de proteção da meta por parte do goleiro, aconteceram em apenas 1 oportunidade, de dentro da área, numa cobrança de pênalti. Isso representa 3,03% do total destas ações, com uma média de 0,13 ações por jogo, um mínimo de 0 (zero) e um máximo de 1 ação numa única partida.

A média de Finalizações do Adversário foi de 4,13 por jogo, número menor, mas relativamente próximo ao estudo de Andujar e Toro (2001) na Eurocopa 2000, onde em

média foram encontradas 4,87 finalizações baixas por jogo, sendo as finalizações baixas a maioria das finalizações também neste estudo.

Ação Observada	Total	Média	Porcentagem	Mínimo	Máximo
Todas as Ações do Adversário	33	4,13	100,00%	1	7
Finalização com Bola em Jogo	32	4,00	96,97%	1	7
Finalização com Bola Parada	1	0,13	3,03%	0	2

**Tabela 6:** Ações do Adversário que provocaram Ações de Proteção da Meta

Pensando na média de finalizações por jogo (4,13), trata-se de um número muito baixo pelo tempo de jogo (90 minutos, mais acréscimos). Logo, se a ação de proteção do alvo por parte do goleiro é a ação determinante dele no jogo, e ela ocorre em média a cada 21'48" aproximadamente, há de se trabalhar muito a concentração do goleiro para que este esteja sempre pronto a fazer a melhor tomada de decisão no momento em que for exigido, pois sua ação será determinante para o resultado da partida.

Outra variável que nos propusemos a observar foi a altura das finalizações dos adversários, divididas em: *finalizações altas*, *finalizações médias* e *finalizações baixas*.

Das 33 finalizações observadas neste estudo, em oito partidas, 51,52% delas foram Finalizações Baixas, totalizando 17 ocorrências. Em média foram 2,13 finalizações deste tipo por jogo, sendo encontradas no mínimo 1 e no máximo 4 em uma única partida. Andujar e Toro (2001) encontraram dados ligeiramente maiores em seu estudo na Eurocopa 2000, sendo que em média foram encontradas 2,65 finalizações baixas por jogo, sendo as finalizações baixas a maioria das finalizações também neste estudo.

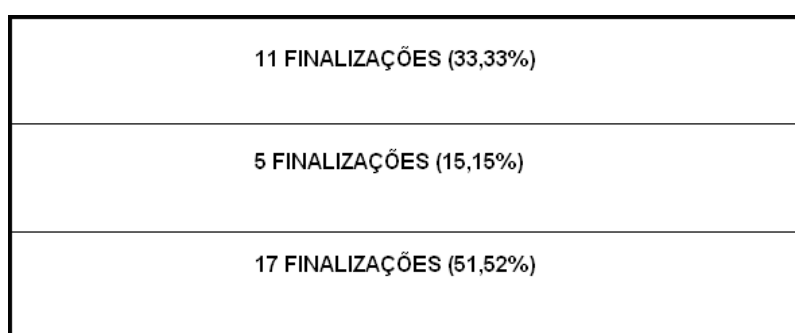
Em seguida vieram as Finalizações Altas, com 33,33% do total de finalizações no alvo, totalizando 11 ocorrências em oito partidas, uma média de 1,38 por jogo. No mínimo ocorreu 0 (zero) destas ações e no máximo 2 finalizações altas em uma única partida. Andujar e Toro (2001) encontraram dados em menor escala em seu estudo na Eurocopa 2000, sendo que em média foram encontradas 0,99 finalizações altas por jogo.

Por último vieram as Finalizações Médias, com 15,15% do total de finalizações no alvo, totalizando 5 ocorrências em oito partidas, uma média de 0,63 por jogo. No mínimo ocorreu 0 (zero) destas ações e no máximo 2 finalizações médias em uma única partida. Andujar e Toro (2001) encontraram dados em maior escala em seu estudo na Eurocopa 2000, sendo que em média foram encontradas 1,23 finalizações médias por jogo. Com isto, tal estudo difere na ordem dos achados deste estudo, pois apresenta mais finalizações de média altura do que finalizações de baixa altura.

Ação Observada	Total	Média	Porcentagem	Mínimo	Máximo
Todas as Finalizações ao Alvo	33	4,13	100,00%	1	7
Finalizações Baixas	17	2,13	51,52%	1	4
Finalizações Altas	11	1,38	33,33%	0	2
Finalizações Médias	5	0,63	15,15%	0	2

**Tabela 7:** Altura das Finalizações ao Alvo realizadas pelo adversário.

A figura a seguir ilustra, com dados de porcentagem, a altura das finalizações do Adversário na meta protegida pelo goleiro analisado.



**Figura 9:** Altura das Finalizações ao Alvo realizadas pelo Adversário

Eis aqui mais um dado importante. Obviamente que não se vai treinar um goleiro somente para defender bolas baixas por causa disso, nem tampouco todos os adversários sempre optarão primeiro pelo chute à baixa altura. Há muitos jogadores diferenciados, que avaliam o posicionamento do goleiro antes de finalizar, porém também é possível que o goleiro obtenha vantagem numa situação como esta, desde que bem treinado e consciente do que está fazendo. Quando se pensa no processo de tomada de decisão, o goleiro bem treinado pode conseguir em alguns casos conseguir fazer uma leitura apurada da situação e antecipar a ação do adversário de forma a maximizar suas chances em fazer a defesa. E saber que na maioria dos casos o adversário está buscando finalizações baixas, pode ajudar em sua tomada de decisão.

Partimos então para uma análise mais detalhada, observando a **Origem das Finalizações do Adversário** que provocam ações de proteção de meta do goleiro, e apresentamos a seguir os resultados, lembrando que as finalizações analisadas são somente as Finalizações que foram direcionadas ao alvo, excluindo-se as finalizações para fora, sendo então divididas em Finalizações com Bola Parada e Finalizações com Bola em Jogo, e os setores foram divididos em: *Dentro da Área*, *Linha de Fundo*, *Diagonal de Curta Distância*, *Diagonal de Longa Distância*, *Frontal de Curta Distância* e *Frontal de Longa Distância*.

Constatamos que o setor onde mais ocorreram finalizações do adversário foi

Dentro da Área com 60,61% do total das finalizações, sendo 20 ocorrências em oito partidas. Em média a ação apareceu 2,50 vezes por partida, tendo ocorrido no mínimo 0 (zero) vezes e no máximo 5 vezes por jogo.

Em seguida, o setor onde mais ocorreram finalizações do adversário foi Frontal de Curta Distância com 30,30% do total das finalizações, sendo 10 ocorrências em oito partidas. Em média a ação apareceu 1,25 vezes por partida, tendo ocorrido no mínimo 0 (zero) vezes e no máximo 3 vezes por jogo.

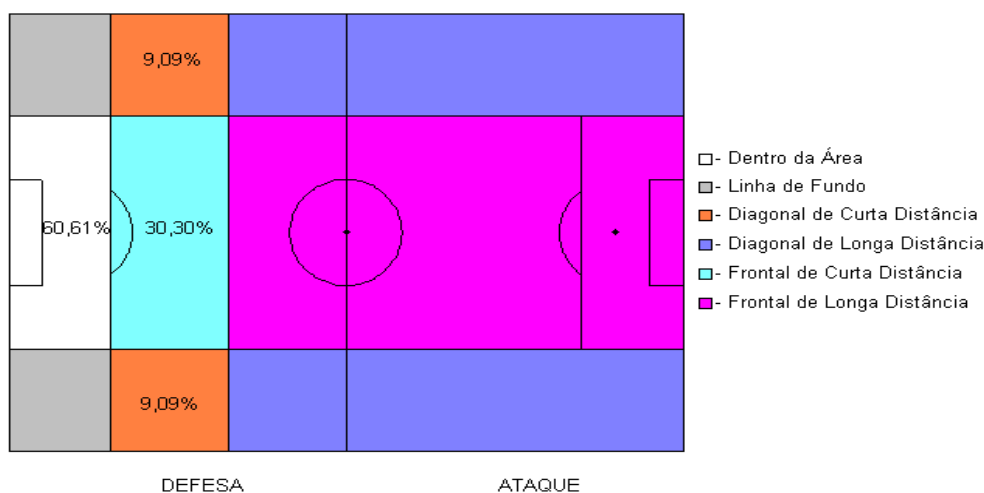
O terceiro setor onde mais ocorreram finalizações do adversário foi Diagonal de Curta Distância com 9,09% do total das finalizações, sendo 3 ocorrências em oito partidas. Em média a ação apareceu 0,38 vezes por partida, tendo ocorrido no mínimo 0 (zero) vezes e no máximo 2 vezes por jogo.

As Finalizações Diagonais de Longa Distância e as Finalizações Frontais de Longa Distância, que poderiam exigir ações de proteção de meta do goleiro, não ocorreram nenhuma vez durante esta análise.

Ação Observada	Total	Média	Porcentagem	Mínimo	Máximo
Finalizações Dentro da Área	20	2,50	60,61%	0	5
Finalizações Frontais Curta Distância	10	1,25	30,30%	0	3
Finalizações Diagonais Curta Distância	3	0,38	9,09%	0	2
Finalizações Linha de Fundo	0	0,00	0,00%	0	0
Finalizações Diagonais Longa Distância	0	0,00	0,00%	0	0
Finalizações Frontais Longa Distância	0	0,00	0,00%	0	0
<b>TOTAL FINALIZAÇÕES</b>	<b>33</b>	<b>4,13</b>	<b>100,00%</b>	<b>1</b>	<b>7</b>
<b>TOTAL AÇÕES DE PROTEÇÃO DA META</b>	<b>33</b>	<b>4,13</b>	<b>100,00%</b>	<b>1</b>	<b>7</b>

**Tabela 8:** Origem das Finalizações do Adversário que exigiram Ações de Proteção da Meta

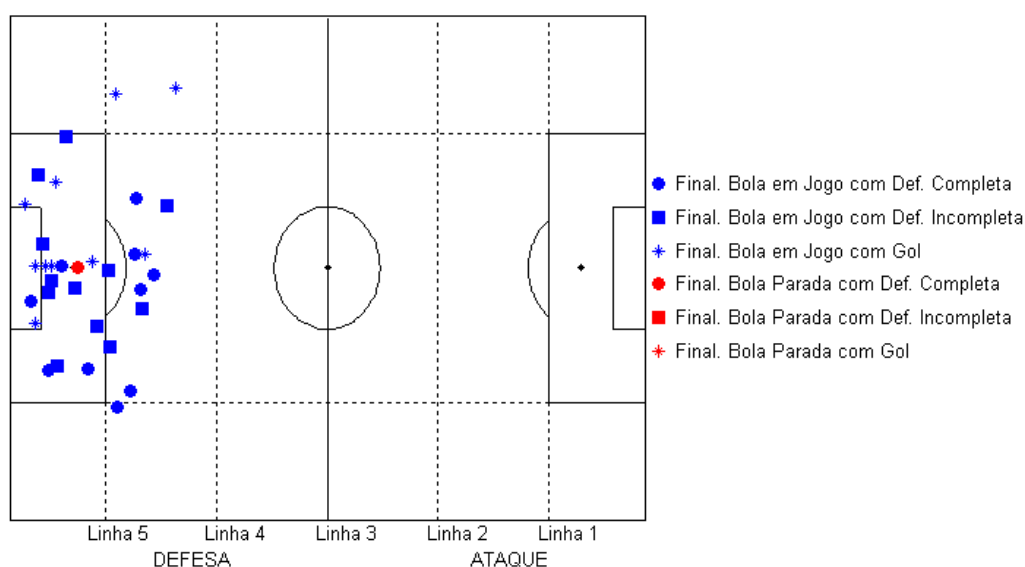
A figura a seguir ilustra, com dados de porcentagem, o local de origem das finalizações do adversário que resultaram em ações de proteção da meta.



**Figura 10:** Origem das Finalizações do Adversário que ocasionaram Ações de Proteção da Meta por Setor

Comparando com o material de BRUSCO et. al (2009), observamos que há uma região de alto risco de finalização por parte do adversário, que corresponde ao setor frontal à área e uma região de altíssimo risco, que corresponde ao setor dentro da grande área. Eis então outra questão a ser constantemente abordada e treinada com o goleiro, para estar sempre concentrado, atento e com a melhor postura possível para tomar a melhor decisão no momento de intervir numa finalização com o intuito de proteger o seu gol.

O campograma a seguir representa origem e tipo de cada uma das finalizações do adversário que resultaram em ações de proteção da meta.



**Figura 11:** Origem das Finalizações do Adversário que ocasionaram ações de Proteção da Meta Geral

## 5.2.2 Ações do Goleiro

Observando então as **Ações de Proteção da Meta** do goleiro analisado, constatamos que a maior parte das ações foram as Defesas Incompletas, com 36,36% do total, ou seja, 12 ações nas 8 partidas. Em média foram 1,5 ações por jogo, sendo no mínimo 0 (zero) e no máximo 3 defesas incompletas numa única partida.

Em seguida observamos as ações de Defesa Completa, com 33,33% das ações, representadas por um total de 11 ações nas 8 partidas. Em média foram 1,38 ações por jogo, sendo no mínimo 0 (zero) e no máximo 3 defesas completas numa única partida.

Demonstrando equilíbrio entre as ações aqui analisadas, a última mais ocorrida (ou a menos ocorrida), fora as ações de Gol Sofrido, sendo 30,30% do total,



representadas por 10 ações nas 8 partidas. Em média foram 1,25 gol sofridos por jogo, sendo no mínimo 0 (zero) e no máximo 2 numa única partida.

Ação Observada	Total	Média	Porcentagem	Mínimo	Máximo
Todas as Ações de Proteção da Meta	33	4,13	100,00%	1	7
Defesa Incompleta	12	1,50	36,36%	0	3
Defesa Completa	11	1,38	33,33%	0	3
Gol Sofrido	10	1,25	30,30%	0	2

**Tabela 9:** Ações de Proteção da Meta

Claramente houve um equilíbrio entre os 3 tipos de ações analisadas. Se dividirmos em ações que obtiveram sucesso (defesas) e não sucesso (gols sofridos) observou-se que 69,70% das ações obtiveram sucesso e 30,30% não sucesso. Seria interessante analisar neste caso o desempenho do mesmo em relação a este grupo de ações durante as sessões de treinamento, e observar se o rendimento do goleiro (mais defesas x menos gols sofridos) é melhor, igual ou pior durante o treino, para reforçar o pensamento de concentração o tempo todo de jogo.

### 5.2.3 Ações do Adversário x Ações do Goleiro

Aqui apresentaremos os dados das ações do adversário cruzando-as com as ações do goleiro. A primeira classificação, entre Finalizações com Bola Parada e Finalizações com Bola em Jogo, foi descartada aqui, pois somente houve uma Finalização com Bola Parada, que foi uma cobrança de pênalti.

Analisamos então, cada um dos tipos de ações de Proteção da Meta, em relação à origem das Finalizações do Adversário. Inicialmente apresentaremos os dados referentes às **Defesas Completas**.

Os locais onde mais ocorreram defesas completas foram os setores Dentro da Área e Frontal de Curta Distância, com 45,45% das ações cada, representadas ambas por 5 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram observadas 0,63 vezes por jogo, sendo no mínimo 0 (zero) e no máximo 2 ocorrências por partida.

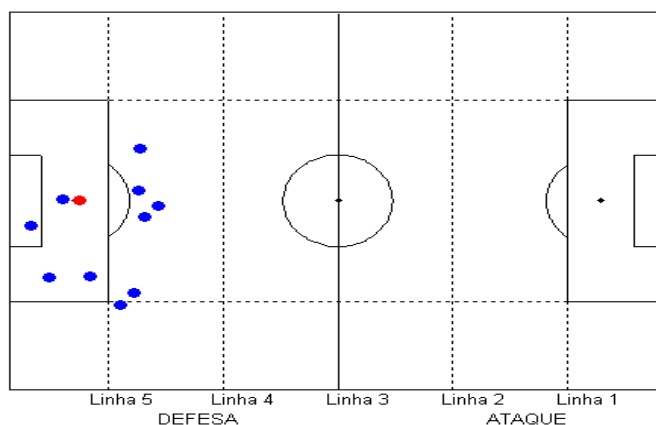
Menos encontradas, as defesas completas em finalizações Diagonais de Curta Distância ocorreram apenas 1 vez nos oito jogos, representando 9,09% das defesas completas totais, tendo aparecido em média 0,13 vezes por jogo, sendo no mínimo 0 (zero) e no máximo 1 vez por partida.

As demais regiões não apresentaram dados de defesas completas.

Ação Observada	Total	Média	Porcentagem	Mínimo	Máximo
DC Finalizações Dentro da Área	5	0,63	45,45%	0	2
DC Finalizações Frontais Curta Distância	5	0,63	45,45%	0	2
DC Finalizações Diagonais Curta Distância	1	0,13	9,09%	0	1
DC Finalizações Linha de Fundo	0	0,00	0,00%	0	0
DC Finalizações Diagonais Longa Distância	0	0,00	0,00%	0	0
DC Finalizações Frontais Longa Distância	0	0,00	0,00%	0	0
<b>TOTAL DEFESAS COMPLETAS</b>	<b>11</b>	<b>1,38</b>	<b>100,00%</b>	<b>0</b>	<b>3</b>

**Tabela 10:** Origem das Finalizações do Adversário com Defesa Completa.  
(DC = Defesa Completa)

O campograma a seguir representa a origem das finalizações com Defesa Completa.



**Figura 12:** Origem das Finalizações do Adversário com Defesa Completa

Analisamos então as **Defesas Incompletas**, cruzando com a Origem das Finalizações. O local onde mais ocorreram defesas incompletas foi o setor **Dentro da Área** com 66,67% das ações totais, representadas por 8 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foi observada 1 vez por jogo, sendo no mínimo 0 (zero) e no máximo 2 ocorrências por partida.

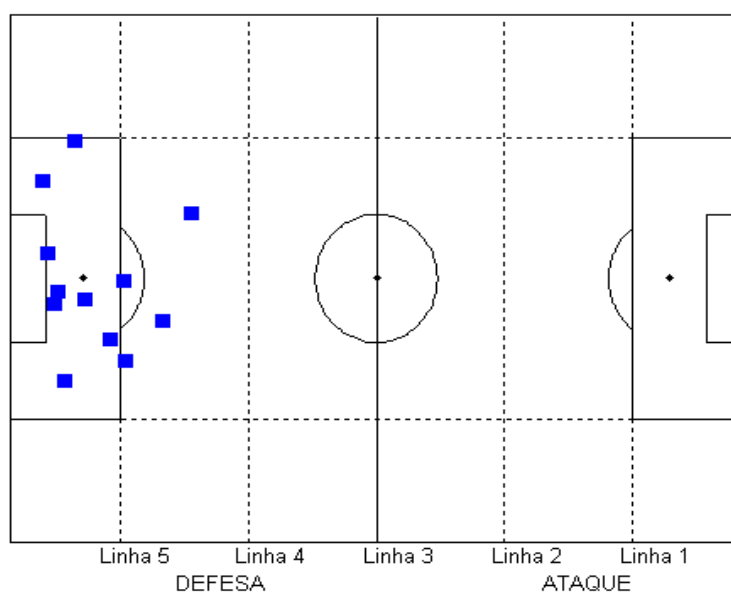
Menos encontradas, as defesas incompletas em finalizações **Frontais de Curta Distância** ocorreram 4 vezes nos oito jogos, representando 33,33% das defesas incompletas totais, tendo aparecido em média 0,50 vezes por jogo, sendo no mínimo 0 (zero) e no máximo 1 vez por partida.

As demais regiões não apresentaram dados de defesas incompletas.

Ação Observada	Total	Média	Porcentagem	Mínimo	Máximo
DI Finalizações Dentro da Área	8	1,00	66,67%	0	2
DI Finalizações Frontais Curta Distância	4	0,50	33,33%	0	1
DI Finalizações Linha de Fundo	0	0,00	0,00%	0	0
DI Finalizações Diagonais Curta Distância	0	0,00	0,00%	0	0
DI Finalizações Diagonais Longa Distância	0	0,00	0,00%	0	0
DI Finalizações Frontais Longa Distância	0	0,00	0,00%	0	0
<b>TOTAL DEFESAS INCOMPLETAS</b>	<b>12</b>	<b>1,50</b>	<b>100,00%</b>	<b>0</b>	<b>3</b>

**Tabela 11:** Origem das Finalizações do Adversário com Defesa Incompleta.  
(DI = Defesa Incompleta)

O campograma a seguir representa a origem das finalizações com Defesa Incompleta.



**Figura 13:** Origem das Finalizações do Adversário com Defesa Incompleta

Por fim analisamos as ações **Gols Sofridos**, cruzando com a Origem das Finalizações. O local onde mais ocorreram gols sofridos foi o setor Dentro da Área com 70,00% dos gols sofridos, representadas por 7 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram observadas 0,88 vezes por jogo, sendo no mínimo 0 (zero) e no máximo 2 ocorrências por partida.

Em seguida o local onde mais ocorreram gols sofridos foi o setor Diagonal de Curta Distância com 20,00% dos gols sofridos, representadas por 2 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram observadas 0,25 vezes por jogo, sendo no mínimo 0 (zero) e no máximo 2 ocorrências por partida. Curiosamente os 2 gols sofridos em tal setor foram na mesma partida. Considerando que somente houve 3 finalizações de tal setor, 66,67% se transformaram em gol, o que representa um alto índice de aproveitamento. Isto pode ser decorrente de ser uma região onde o goleiro não tenha conseguido fazer a leitura da ação do

adversário, se o mesmo ia tentar uma finalização ou um cruzamento, ou seja, possivelmente era uma região com mais variáveis a serem analisadas pelo goleiro antes da tomada de decisão.

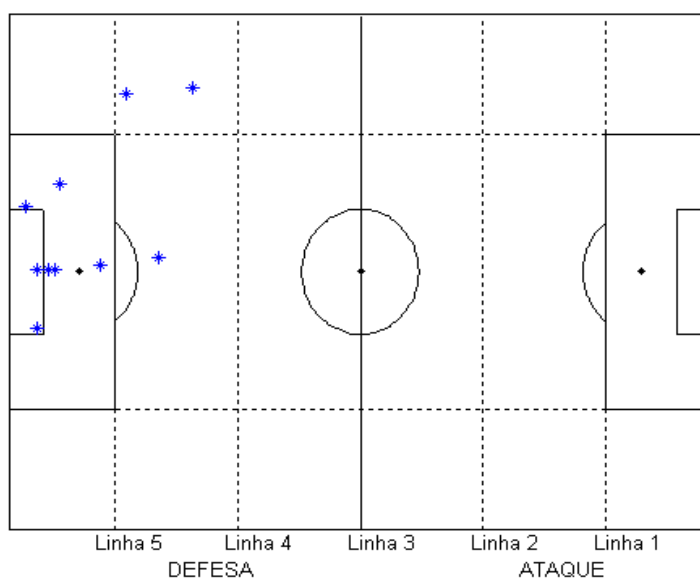
Por último estão os gols sofridos em finalizações Frontais de Curta Distância, que ocorreu somente 1 vez nos oito jogos, representando 10,00% dos gols sofridos totais, tendo aparecido em média 0,13 vezes por jogo, sendo no mínimo 0 (zero) e no máximo 1 vez por partida. Considerando o fato de terem ocorrido 10 finalizações desta região, apenas 10% converteram-se em gols, ou seja, foi a região com melhor aproveitamento do goleiro em relação ao adversário.

As demais regiões não apresentaram dados de gols sofridos.

Ação Observada	Total	Média	Porcentagem	Mínimo	Máximo
GS Finalizações Dentro da Área	7	0,88	70,00%	0	2
GS Finalizações Diagonais Curta Distância	2	0,25	20,00%	0	2
GS Finalizações Frontais Curta Distância	1	0,13	10,00%	0	1
GS Finalizações Linha de Fundo	0	0,00	0,00%	0	0
GS Finalizações Diagonais Longa Distância	0	0,00	0,00%	0	0
GS Finalizações Frontais Longa Distância	0	0,00	0,00%	0	0
<b>TOTAL GS</b>	<b>10</b>	<b>1,25</b>	<b>100,00%</b>	<b>0</b>	<b>2</b>

**Tabela 12:** Origem das Finalizações do Adversário com Gol Sofrido.  
(GS = Gols Sofridos).

O campograma a seguir representa a origem das finalizações com Gols Sofridos.



**Figura 14:** Origem das Finalizações do Adversário com Gols Sofridos

Como o software para coleta de dados não apresentava possibilidade de anotar a altura das finalizações, e a mesma foi feita numa anotação manual, não coletamos a relação entre altura da finalização e o tipo de ação de proteção da meta, a não ser que tal ação fosse um Gol Sofrido.

Considerando a altura das finalizações, pudemos então apurar quais destas resultaram em gols sofridos pelo goleiro analisado. Dos 10 gols sofridos nos oito jogos analisados, 7 deles ou 70% do total foram Gols Sofridos em Finalizações Baixas, numa média de 0,88 por partida. Foram no mínimo 0 (zero) e no máximo 2 gols sofridos assim numa única partida. Considerando que houve 17 Finalizações Baixas, o Adversário teve um aproveitamento de convertê-las em gol em 41,17% das oportunidades. Andujar e Toro (2001) também encontraram em seu estudo, na Eurocopa 2000, gols sofridos na maioria em finalizações baixas, no caso com 52,94% dos gols sofridos sendo nesta altura.

Em seguida, constatamos que 2 deles ou 20% do total foram Gols Sofridos em Finalizações Médias, numa média de 0,25 por partida. Foram no mínimo 0 (zero) e no máximo 1 gol sofrido assim numa única partida. Considerando que houve 5 Finalizações Médias, o Adversário teve um aproveitamento de convertê-las em gol em 40,00% das oportunidades.

Por último, apenas 1 ação ocorreu de Gols Sofridos em Finalizações Altas, representando 10% do total, numa média de 0,13 por partida. Foram no mínimo 0 (zero) e no máximo 1 gol sofrido assim numa única partida. Considerando que houve 11 Finalizações Altas, o Adversário teve um aproveitamento de convertê-las em gol em 9,09% das oportunidades.

Ação Observada	Total	Média	Porcentagem	Mínimo	Máximo
Todos os Gols Sofridos	10	1,25	100,00%	0	2
Gol Sofrido em Finalização Baixa	7	0,88	70,00%	0	2
Gol Sofrido em Finalização Média	2	0,25	20,00%	0	1
Gol Sofrido em Finalização Alta	1	0,13	10,00%	0	1

**Tabela 13:** Gols sofridos em relação à altura das finalizações

A figura a seguir ilustra, com dados de porcentagem, a altura das finalizações do Adversário em relação aos gols sofridos.

11 FINALIZAÇÕES	1 GOL SOFRIDO (9,09% das Finalizações)
5 FINALIZAÇÕES	2 GOLS SOFRIDOS (40,00% das Finalizações)
17 FINALIZAÇÕES	7 GOLS SOFRIDOS (41,17% das Finalizações)

**Figura 15:** Altura das Finalizações ao Alvo em Relação aos Gols Sofridos.

Neste caso fica relevante observar que, apesar de altura de Finalização Alta ter sido bastante utilizada pelo adversário, a mesma foi pouquíssimo eficiente. Talvez pela postura do goleiro em relação a estar mais bem preparado para tais situações, ou talvez pela dificuldade do adversário em direcionar melhor suas finalizações altas. Com certeza estes seriam pontos válidos a observar e discutir com o goleiro.

### 5.3 Ações de Participação Ofensiva

Ao final das oito partidas analisadas, pudemos observar 169 ações de Participação Ofensiva do goleiro, sendo em média 21,13 ações por jogo, caracterizando-se essa como a ação onde mais houve intervenção do jogador observado.

#### 5.3.1 Ações do Goleiro

A maior parte das ações de participação ofensiva do goleiro nos jogos analisados, totalizando 92 ocorrências, foram as Reposições de Bola Parada. Elas representam 54,44% de todas as ações de participação ofensiva, ocorrendo em média 11,5 vezes por jogo, sendo que ocorreram no mínimo 3 e no máximo 19 vezes dentro de uma mesma partida.

As Reposições de Bola em Jogo com as Mãos ocorreram em 30 oportunidades nos oito jogos analisados. Elas representam 17,75% de todas as ações de participação ofensiva, ocorrendo em média 3,75 vezes por jogo, sendo que ocorreu no mínimo 0 (zero) e no máximo 9 vezes dentro de uma mesma partida.

Em seguida, as Reposições de Bola em Jogo com os Pés ocorreram em 24 oportunidades nos oito jogos analisados. Elas representam 14,20% de todas as ações de participação ofensiva, ocorrendo em média 3 vezes por jogo, sendo que ocorreu no mínimo 0

(zero) e no máximo 5 vezes dentro de uma mesma partida.

Além das reposições acima citadas, outra importante ação observada fora representada pelas Recepções de Recuos de Bola para o Goleiro, que ocorreram em 13 oportunidades nos oito jogos analisados. Elas representam 7,69% de todas as ações de participação ofensiva, ocorrendo em média 1,63 vezes por jogo, sendo que ocorreu no mínimo 0 (zero) e no máximo 3 vezes dentro de uma mesma partida.

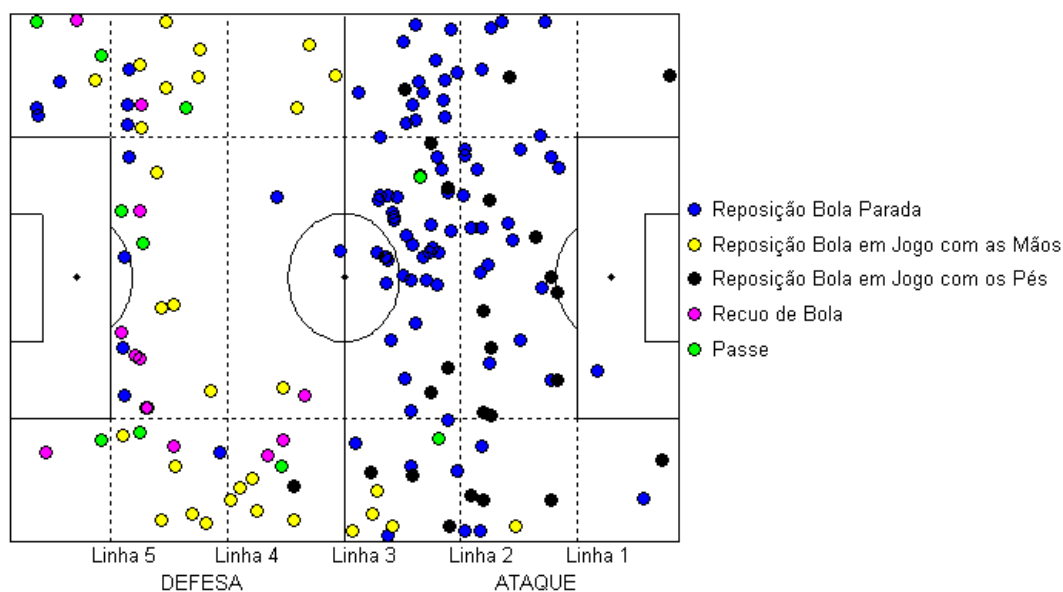
Por último, as ações de Passes ocorreram em apenas 10 oportunidades nos oito jogos analisados. Elas representam 5,92% de todas as ações de participação ofensiva, ocorrendo em média 1,25 vezes por jogo, sendo que ocorreu no mínimo 0 (zero) e no máximo 2 vezes dentro de uma mesma partida.

Ação Observada	Total	Média	Porcentagem	Mínimo	Máximo
Todas as Participações Ofensivas	169	21,13	100,00%	8	27
Reposição Bola Parada	92	11,50	54,44%	3	19
Reposição Bola em Jogo com as Mãos	30	3,75	17,75%	0	9
Reposição Bola em Jogo com os Pés	24	3,00	14,20%	0	5
Recepção de Recuo de Bola para o Goleiro	13	1,63	7,69%	0	3
Passes	10	1,25	5,92%	0	2

**Tabela 14:** Ações de Participação Ofensiva do Goleiro

Comparamos então os dados com o estudo de Andujar e Toro (2001). O número médio de reposições com as mãos encontrados em tal estudo foi de 4,81 (Copa 1998) e 4,21 (Euro 2000), números ligeiramente superiores aos achados aqui neste estudo. Já as reposições de bola parada somaram 12,81 (Copa 1998) e 12,02 (Euro 2000), números ligeiramente superiores aos encontrados aqui. Tal estudo considerou passes e reposições de bola em jogo com os pés num só grupo, e encontrou em média 8,65 (Copa 1998) e 12,15 (Euro 2000), números muito superiores aos 4,25 encontrados aqui, evidenciando-se uma diferença consideravelmente superior aos achados neste estudo.

O campograma a seguir representa as ações de Participação Ofensiva de maneira geral em todos os jogos analisados.



**Figura 16:** Campograma Geral das Ações Ofensivas nos jogos analisados

Há de se observar aqui o fato de haver um grande número de reposições de bola parada, e um número muito pequeno de recuos de bola para o goleiro e passes dele para seus companheiros. Isso nos leva a pensar que, a participação do goleiro no momento ofensivo da equipe apesar de ser a maior manifestação de intervenção dele no jogo, se dá muito mais no intuito de repor uma bola em jogo, do que propriamente recebê-la de seus companheiros e realizar passes no intuito de participar numa manutenção da posse de bola. É isso que procuraremos observar nos dados apresentados a seguir.

### 5.3.2 Ações do Goleiro x Manutenção da Posse

Iniciando nossa análise detalhada das Ações de Participação Ofensiva, faremos uma análise da ação do goleiro cruzando-a com a manutenção ou perda da posse de bola por parte de sua equipe. Detalharemos primeiramente as ações de **Reposição de Bola Parada**.

A maioria das ações foi considerada Reposição de Bola Parada Errada, com 55,43% das reposições de bola parada, representadas por 51 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram 6,38 reposições de bola parada erradas por jogo, sendo no mínimo 1 e no máximo 12 em uma única partida.

A minoria das ações neste caso foi considerada Reposição de Bola Parada Certa, com 44,57% das reposições de bola parada, representadas por 41 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram 5,13 reposições de bola parada certas por jogo, sendo no

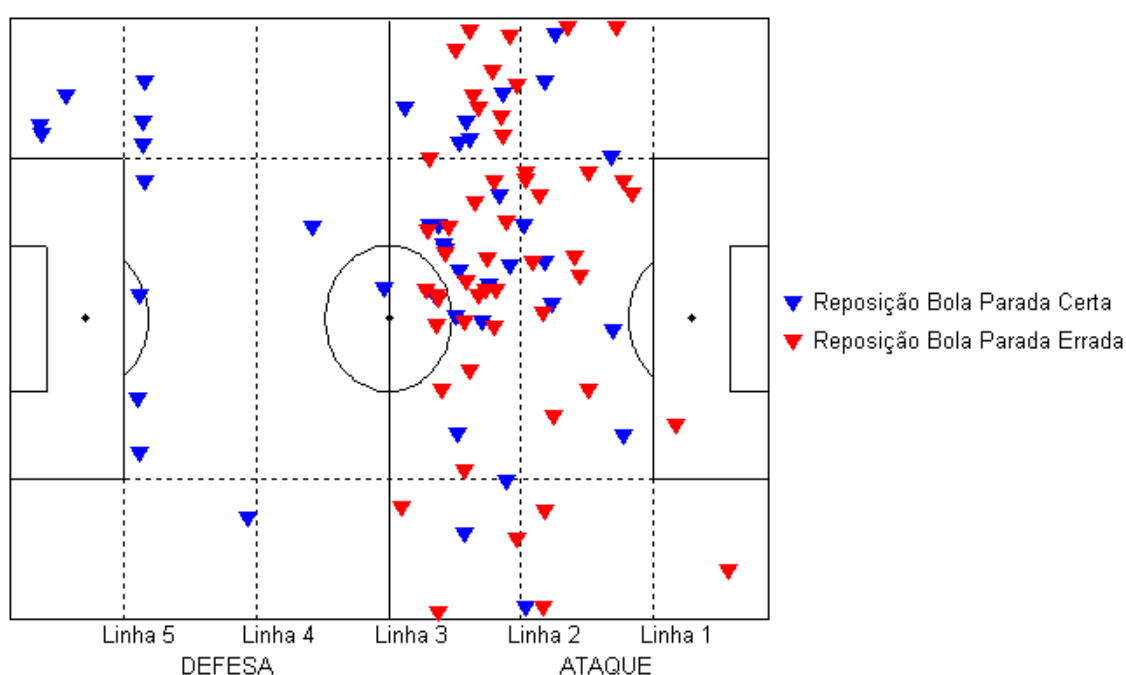


mínimo 2 e no máximo 8 em uma única partida.

Ação Observada	Total	Média	Porcentagem	Mínimo	Máximo
RBP Certa	41	5,13	44,57%	2	8
RBP Errada	51	6,38	55,43%	1	12
TOTAL RBP	92	11,50	100,00%	3	19

**Tabela 15:** Reposições de Bola Parada em Relação à Manutenção (Certa) ou Perda da Posse de Bola (Errada). (RBP = Reposições de Bola Parada).

No campograma abaixo verificamos todas as reposições de bola parada nos jogos analisados:



**Figura 17:** Reposições de Bola Parada em Todos os Jogos

Conforme pudemos observar, as reposições de bola parada resultaram em sua maioria a perda da posse de bola da equipe do goleiro. Considerando pelo campograma que a maioria das ações buscou destinos longe do gol protegido, rapidamente refletimos que se tratava mais de ações de segurança, ou seja, jogar a bola pra longe do gol que protege do que exatamente manter a posse de bola com a equipe. Mais à frente, quando cruzarmos estes dados com os setores de reposição, teremos mais elementos para discutir a respeito disso.

Em seguida analisaremos as ações de **Reposição de Bola em Jogo com as Mãos**.

A maioria das ações foi considerada Reposição de Bola em Jogo com as Mãos Certa com 93,33% das reposições de bola em jogo com as mãos, representadas por 28

ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram 3,50 reposições de bola em jogo com as mãos certas por jogo, sendo no mínimo 0 (zero) e no máximo 9 em uma única partida.

A minoria das ações neste caso foi considerada Reposição de Bola em Jogo com as Mãos Errada, com apenas 6,67% das reposições de bola em jogo com as mãos, representadas por 2 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram 0,25 reposições de bola em jogo com as mãos erradas por jogo, sendo no mínimo 0 e no máximo 1 em uma única partida.

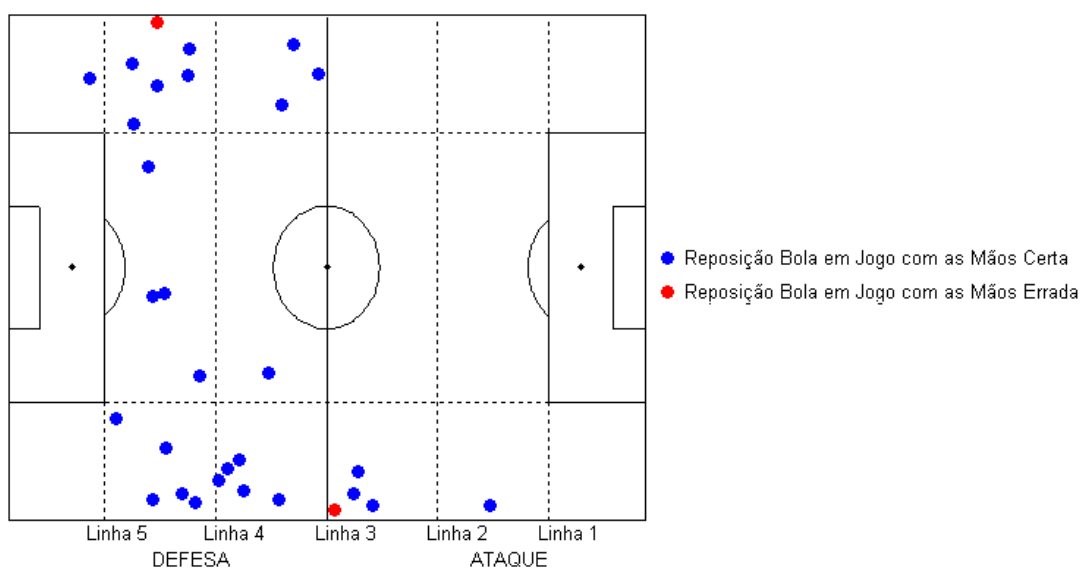
Ação Observada	Total	Média	Porcentagem	Mínimo	Máximo
RBJM Certa	28	3,50	93,33%	0	9
RBJM Errada	2	0,25	6,67%	0	1
TOTAL RBJM	30	3,75	100,00%	0	9

**Tabela 16:** Reposições de Bola em Jogo com as Mãos em Relação à Manutenção (Certa) ou Perda da Posse de Bola (Errada).

(RBJM = Reposições de Bola em Jogo com as Mãos).

Observamos claramente que repor a bola em jogo com as mãos é mais eficiente quando o objetivo é manter a posse de bola, possivelmente pela precisão que o goleiro possui em controlar a bola com as mãos e lança-la a um alvo, no caso, um companheiro.

No campograma abaixo verificamos todas as reposições de bola em jogo com as mãos nos jogos analisados:



**Figura 18:** Reposições de Bola em Jogo com as Mãos em Todos os Jogos

Em seguida analisaremos as ações de **Reposição de Bola em Jogo com os Pés**.

A maioria das ações foi considerada Reposição de Bola em Jogo com os Pés Errada, com 62,50% das reposições de bola em jogo com os pés, representadas por 15 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram 1,88 reposições de bola em jogo com os pés erradas por jogo, sendo no mínimo 0 (zero) e no máximo 5 em uma única partida.

A minoria das ações neste caso foi considerada Reposição de Bola em Jogo com os Pés Certa, com 37,50% das reposições de bola em jogo com os pés, representadas por 9 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram 1,13 reposições de bola em jogo com os pés certas por jogo, sendo no mínimo 0 e no máximo 3 em uma única partida.

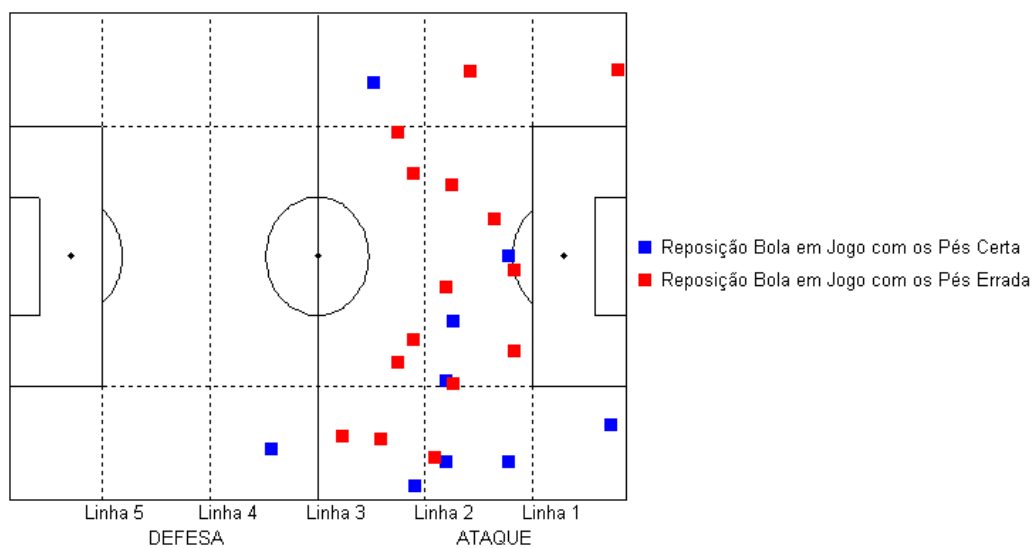
Ação Observada	Total	Média	Porcentagem	Mínimo	Máximo
RBJP Certa	9	1,13	37,50%	0	3
RBJP Errada	15	1,88	62,50%	0	5
TOTAL RBJP	24	3,00	100,00%	0	5

**Tabela 17:** Reposições de Bola em Jogo com os Pés em Relação à Manutenção (Certa) ou Perda da Posse de Bola (Errada).

(RBJP = Reposições de Bola em Jogo com os Pés).

Aparentemente, seja uma reposição de bola parada, ou reposição de bola em jogo com os pés, pelo fato de ambas não serem feitas com as mãos parece que há uma maior dificuldade em se manter a posse de bola neste caso, perdendo eficiência se nós analisarmos por esta ótica. Porém, poderemos observar mais à frente que o objetivo pode não ser manter a posse de bola, e sim afastá-la do alvo que se defende.

No campograma abaixo verificamos todas as reposições de bola em jogo com os pés nos jogos analisados:



**Figura 19:** Reposições de Bola em Jogo com os Pés em Todos os Jogos

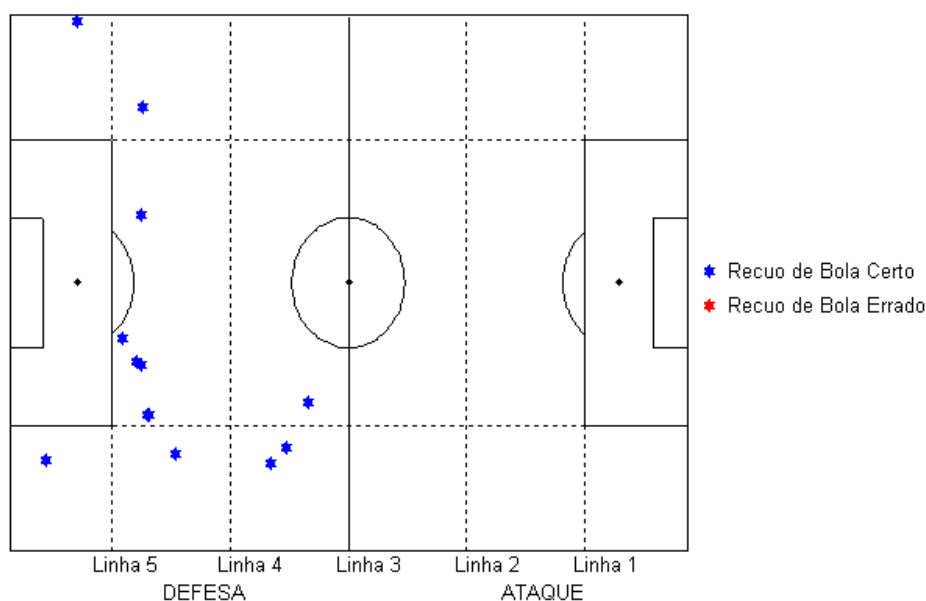
Em seguida analisaremos as ações de **Recepção de Recuo de Bola**.

Todas as ações de Recepção de Recuo de Bola foram consideradas Certas, não havendo, portanto, Recepção de Recuo de Bola Errada, o que nos leva a entender que se trata de uma ação de segurança, sendo utilizada em momentos onde o goleiro é uma linha de passe confortável para que o companheiro possa busca-lo.

Análise Qualitativa Participação Ofensiva					
Ação Observada	Total	Média	Porcentagem	Mínimo	Máximo
RRBG Certa	13	1,63	100,00%	0	3
RRBG Errada	0	0,00	0,00%	0	0
TOTAL RRBG	13	1,63	100,00%	0	3

**Tabela 18:** Recepções de Recuos de Bola para o Goleiro em Relação à Manutenção (Certa) ou Perda da Posse de Bola (Errada).  
(RRBG = Recepções de Recuo de Bola para o Goleiro).

No campograma abaixo verificamos todos os recuos de bola para o goleiro (local de origem do recuo) nos jogos analisados:



**Figura 20:** Recuos de Bola para o Goleiro em Todos os Jogos

Em seguida analisaremos as ações de **Passe** do goleiro.

A maioria das ações foi considerada Passe Certo, com 80,00% do total de passes do goleiro, representados por 8 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média aconteceu 1,00 passe certo por jogo, sendo no mínimo 0 (zero) e no máximo 2 em uma única partida.

A minoria das ações neste caso foi considerada Passe Errado, com 20,00%

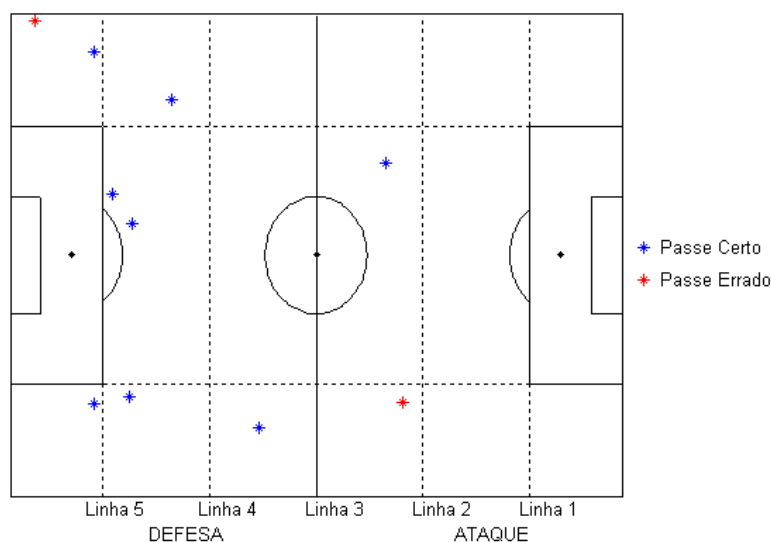
do total de passes do goleiro, representados por 2 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram 0,25 passes errados por jogo, sendo no mínimo 0 e no máximo 1 em uma única partida.

Ação Observada	Total	Média	Porcentagem	Mínimo	Máximo
Passes Certos	8	1,00	80,00%	0	2
Passes Errados	2	0,25	20,00%	0	1
<b>TOTAL PASSES</b>	<b>10</b>	<b>1,25</b>	<b>100,00%</b>	<b>0</b>	<b>2</b>

**Tabela 19:** Passes do Goleiro em Relação à Manutenção (Certa) ou Perda da Posse de Bola (Errada).

Ora, dado um aproveitamento tão alto do goleiro nos passes realizados, e um número tão baixo deste fundamento em relação às suas ações de forma geral (representa somente 5,92% das ações de participação ofensiva e 3,79% das ações totais), analisamos que ou o goleiro foi muito pouco usado mesmo tendo condições para sê-lo, ou foi utilizado somente em momentos de extrema segurança. É outro item onde a análise é útil para que a comissão técnica avalie seu trabalho para saber se o que se tem de modelo de jogo está indo em direção ao que é visto jogo a jogo.

No campograma abaixo verificamos todos os passes do goleiro nos jogos analisados:



**Figura 21:** Passes do Goleiro em Todos os Jogos.

### 5.3.3 Ações do Goleiro por Setor

Fazendo uma análise por Setor das **Reposições de Bola Parada**, encontramos que o setor predominante é o setor Média Distância 2, com 56,52% do total,

representada por 52 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram observadas 6,50 vezes por jogo, tendo ocorrido no mínimo 1 e no máximo 14 vezes por partida.

O segundo setor neste quesito é o setor Longa Distância, com 29,35% do total, representada por 27 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram observadas 3,38 vezes por jogo, tendo ocorrido no mínimo 0 (zero) e no máximo 7 vezes por partida.

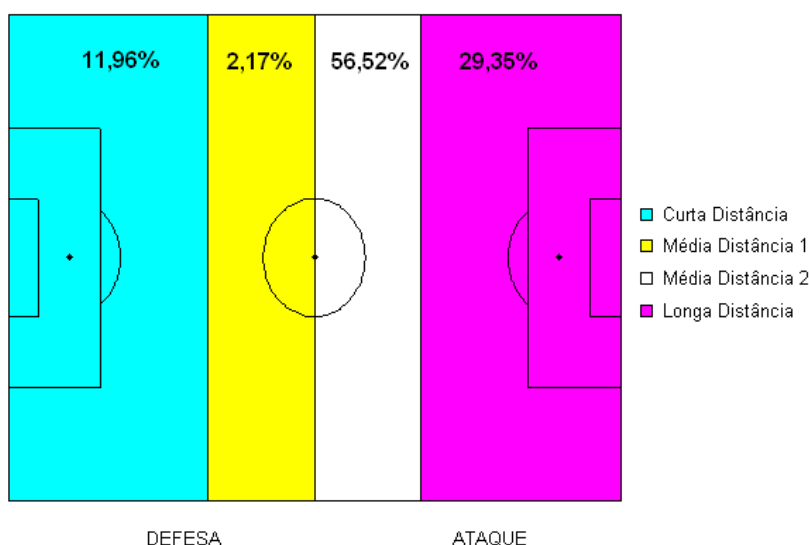
Em seguida vem o setor Curta Distância, com 11,96% do total, representado por 11 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram observadas 1,38 vezes por jogo, tendo ocorrido no mínimo 0 (zero) e no máximo 3 vezes por partida.

O setor menos acionado pelo goleiro neste tipo de reposição foi a Média Distância 1, com 2,17% do total, representado por apenas 2 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foi observado, portanto, 0,25 vezes por jogo, tendo ocorrido no mínimo 0 (zero) e no máximo 1 vez por partida.

Ação Observada	Total	Média	Porcentagem	Mínimo	Máximo
TOTAL RBP MÉDIA DISTÂNCIA 2	52	6,50	56,52%	1	14
TOTAL RBP LONGA DISTÂNCIA	27	3,38	29,35%	0	7
TOTAL RBP CURTA DISTÂNCIA	11	1,38	11,96%	0	3
TOTAL RBP MÉDIA DISTÂNCIA 1	2	0,25	2,17%	0	1
TOTAL RBP	92	11,50	100,00%	3	19

**Tabela 20:** Reposições de Bola Parada por Setor.  
(RBP = Reposições de Bola Parada).

No campograma abaixo também podemos visualizar os setores e suas respectivas porcentagens de Reposição de Bola Parada:



**Figura 22:** Reposições de Bola Parada por Setor

Logo, observamos que mais de 85% das reposições de bola parada buscam direções bem distantes do gol defendido, em setores compreendidos à frente do meio-campo, o que deixa claro que neste tipo de situação o objetivo principal do goleiro é afastar a bola de seu gol e posicioná-la próximo ao gol adversário.

Fazendo uma análise por Setor das **Reposições de Bola em Jogo com as Mãos**, encontramos que o setor predominante é o setor Curta Distância, com 53,33% do total, representada por 16 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram observadas 2,00 vezes por jogo, tendo ocorrido no mínimo 0 e no máximo 8 vezes por partida.

O segundo setor neste quesito é o setor Média Distância 1 com 30,00% do total, representada por 9 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram observadas 1,13 vezes por jogo, tendo ocorrido no mínimo 0 (zero) e no máximo 2 vezes por partida.

Em seguida vem o setor Média Distância 2 com 13,33% do total, representada por 4 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram observadas 0,50 vezes por jogo, tendo ocorrido no mínimo 0 (zero) e no máximo 2 vezes por partida.

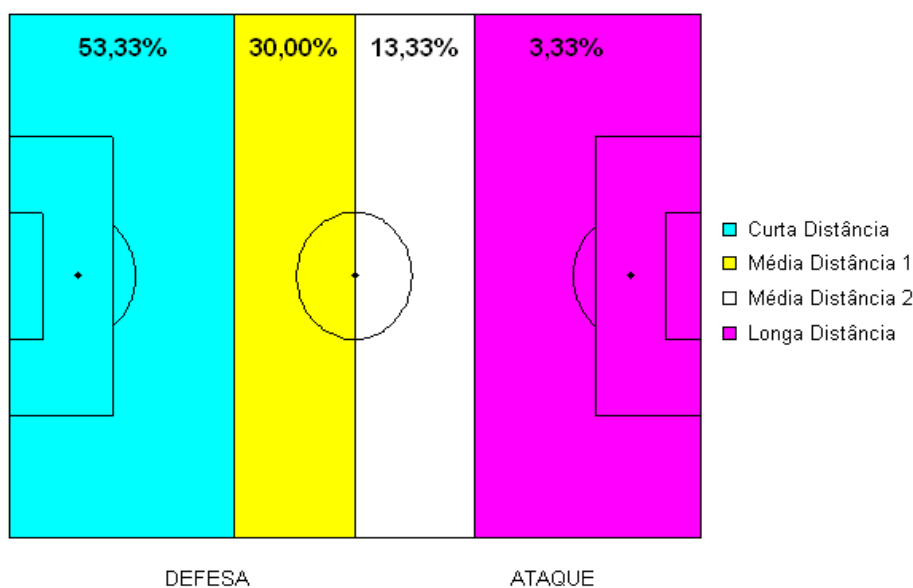
O setor menos acionado pelo goleiro neste tipo de reposição foi a Longa Distância, com 3,33% do total, representada por apenas 1 ocorrência nas oito partidas analisadas. Em média foi observada, portanto, 0,13 vezes por jogo, tendo ocorrido no mínimo 0 (zero) e no máximo 1 vez por partida.

Ação Observada	Total	Média	% no Total	Mínimo	Máximo
TOTAL RBJM CURTA DISTÂNCIA	16	2,00	53,33%	0	8
TOTAL RBJM MÉDIA DISTÂNCIA 1	9	1,13	30,00%	0	2
TOTAL RBJM MÉDIA DISTÂNCIA 2	4	0,50	13,33%	0	2
TOTAL RBJM LONGA DISTÂNCIA	1	0,13	3,33%	0	1
TOTAL RBJM	30	3,75	100,00%	0	9

**Tabela 21:** Reposições de Bola em Jogo com as Mãos por Setor.  
(RBJM = Reposições de Bola em Jogo com as Mãos)

Voltando ao raciocínio de que, possivelmente, com as mãos o goleiro tem maior precisão na reposição (também menos força), fica mais recorrente o aparecimento de reposições de bola em regiões próximas ao seu próprio gol, sendo 83,33% (3,13 por jogo) efetuadas em distâncias antes do meio-campo.

No campograma abaixo também podemos visualizar os setores e suas respectivas porcentagens de Reposição de Bola em Jogo com as Mãos:



**Figura 23:** Reposições de Bola em Jogo com as Mãos por Setor.

Fazendo uma análise por Setor das **Reposições de Bola em Jogo com os Pés**, encontramos que o setor predominante é o setor Longa Distância, com 62,50% do total, representada por 15 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram observadas 1,88 vezes por jogo, tendo ocorrido no mínimo 0 e no máximo 4 vezes por partida.

O segundo setor neste quesito é o setor Média Distância 2 com 33,33% do total, representada por 8 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foi observada 1 vez por jogo, tendo ocorrido no mínimo 0 (zero) e no máximo 2 vezes por partida.

Em seguida vem o setor Média Distância 1 com 4,17% do total, representada por apenas 1 ocorrência nas oito partidas analisadas. Em média foram observadas 0,13 vezes por jogo, tendo ocorrido no mínimo 0 (zero) e no máximo 1 vez por partida.

O setor Curta Distância não foi acionada por reposições de bola em jogo com os pés em nenhum momento nos jogos analisados.

Ação Observada	Total	Média	% no Total	Mínimo	Máximo
TOTAL RBJP LONGA DISTÂNCIA	15	1,88	62,50%	0	4
TOTAL RBJP MÉDIA DISTÂNCIA 2	8	1,00	33,33%	0	2
TOTAL RBJP MÉDIA DISTÂNCIA 1	1	0,13	4,17%	0	1
TOTAL RBJP CURTA DISTÂNCIA	0	0,00	0,00%	0	0
TOTAL RBJP	24	3,00	100,00%	0,00	5,00

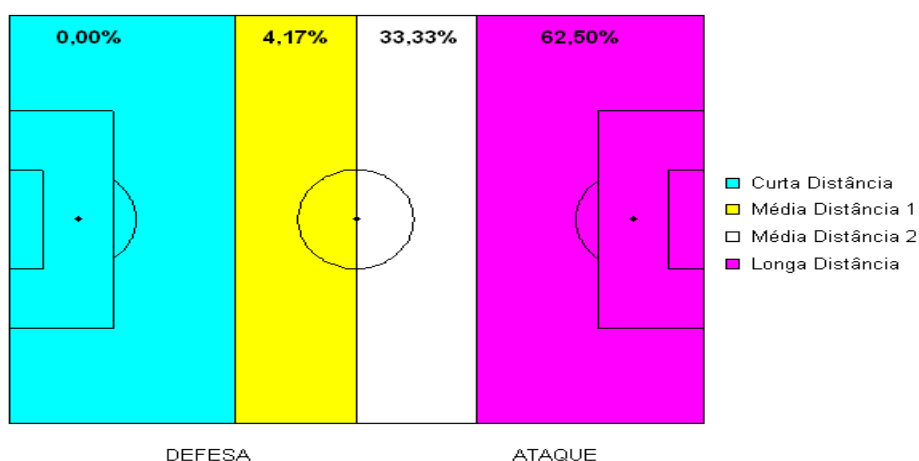
**Tabela 22:** Reposições de Bola em Jogo com os Pés por Setor.  
(RBJP = Reposições de Bola em Jogo com os Pés)

Assim como nas reposições de bola parada, as reposições de bola em jogo



com os pés também somam mais de 85% se juntarmos os setores Média Distância 2 e Longa Distância, e buscam direcionar a bola mais longe do alvo que se defende e mais próxima do alvo que se ataca, aproveitando também a maior força (e consequentemente maior possibilidade de lançar mais longe) neste tipo de reposição.

No campograma abaixo também podemos visualizar os setores e suas respectivas porcentagens de Reposição de Bola em Jogo com os Pés:



**Figura 24:** Reposições de Bola em Jogo com os Pés por Setor.

Fazendo uma análise por Setor dos **Recuos de Bola para o Goleiro**, encontramos que o setor predominante é o setor Curta Distância, com 76,92% do total, representada por 10 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram observadas 1,25 vezes por jogo, tendo ocorrido no mínimo 0 e no máximo 3 vezes por partida.

O segundo setor neste quesito é o setor Média Distância 1 com 23,08% do total, representada por 3 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram observadas 0,38 vezes por jogo, tendo ocorrido no mínimo 0 (zero) e no máximo 2 vezes por partida.

Não houve recuos de bola para o goleiro dos setores Média Distância 2 e Longa Distância nos jogos analisados.

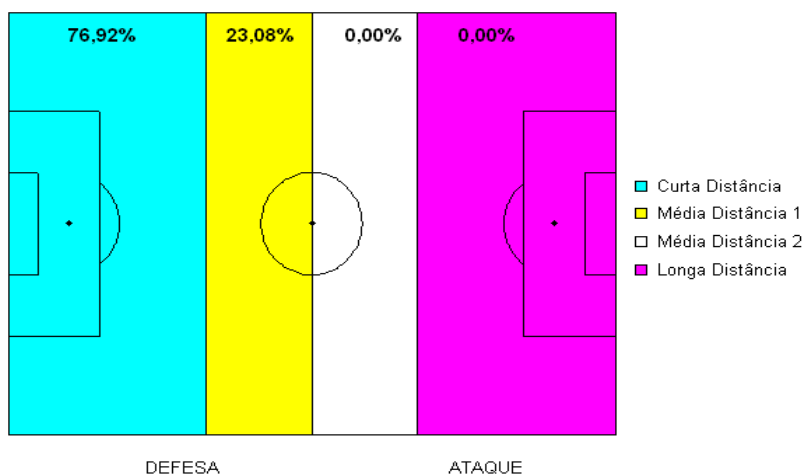
Ação Observada	Total	Média	% no Total	Mínimo	Máximo
TOTAL RBG CURTA DISTÂNCIA	10	1,25	76,92%	0	3
TOTAL RBG MÉDIA DISTÂNCIA 1	3	0,38	23,08%	0	2
TOTAL RBG MÉDIA DISTÂNCIA 2	0	0,00	0,00%	0	0
TOTAL RBG LONGA DISTÂNCIA	0	0,00	0,00%	0	0
TOTAL RBG	13	1,63	100,00%	0	3

**Tabela 23:** Recuo de Bola para o Goleiro por Setor.  
(RBG = Recuo de Bola para o Goleiro)

Claramente se trata de uma ação de segurança, realizada em casos onde a

melhor e mais segura opção é um recuo de bola para o goleiro, sem o perigo de sofrer um gol, e sem o perigo de fazer um passe de muito longe, diminuindo então as possibilidades de erro.

No campograma abaixo também podemos visualizar os setores e suas respectivas porcentagens de Recuo de Bola para o Goleiro:



**Figura 25:** Recuo de Bola para o Goleiro por Setor

Fazendo uma análise por Setor dos **Passes do goleiro**, encontramos que o setor predominante é o setor Curta Distância, com 70,00% do total, representada por 7 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram observadas 0,88 vezes por jogo, tendo ocorrido no mínimo 0 (zero) e no máximo 2 vezes por partida.

O segundo setor neste quesito é o setor Média Distância 2 com 20,00% do total, representada por 2 ocorrências nas oito partidas analisadas. Em média foram observadas 0,13 vezes por jogo, tendo ocorrido no mínimo 0 (zero) e no máximo 1 vez por partida.

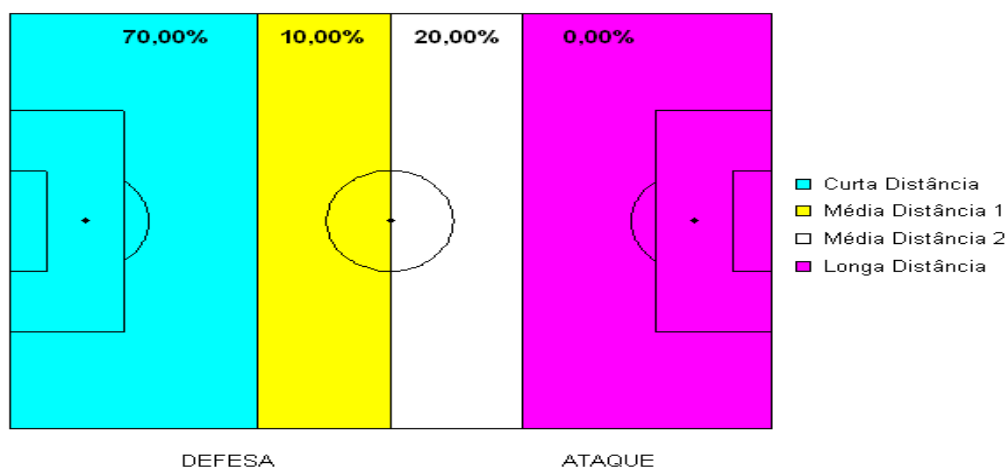
Em seguida vem o setor Média Distância 1 com 10,00% do total, representada por apenas 1 ocorrência nas oito partidas analisadas. Em média foram observadas 0,13 vezes por jogo, tendo ocorrido no mínimo 0 (zero) e no máximo 1 vez por partida.

O setor Longa Distância não foi acionada por passes do goleiro em nenhum momento nos jogos analisados.

Ação Observada	Total	Média	% no Total	Mínimo	Máximo
TOTAL PASSES CURTA DISTÂNCIA	7	0,88	70,00%	0	2
TOTAL PASSES MÉDIA DISTÂNCIA 2	2	0,25	20,00%	0	2
TOTAL PASSES MÉDIA DISTÂNCIA 1	1	0,13	10,00%	0	1
TOTAL PASSES LONGA DISTÂNCIA	0	0,00	0,00%	0	0
TOTAL PASSES	10	1,25	100,00%	0	2

**Tabela 24:** Passes do Goleiro por Setor.

No campograma abaixo também podemos visualizar os setores e suas respectivas porcentagens de Passes do Goleiro:



**Figura 26:** Passes do Goleiro por Setor

### 5.3.4 Ações do Goleiro por Setor x Manutenção da Posse

Tendo os Setores de **Reposição de Bola Parada**, podemos ainda cruzar os dados com ações Certas e Erradas.

Os setores Curta Distância e Média Distância 1, que foram as menos recorrentes nos jogos analisados, tiveram 100% de reposições certas, ou seja, todas as reposições de bola parada neste setor culminaram em sequência imediata determinada com manutenção da posse de bola da equipe do goleiro. Isso mostra que o goleiro procurou realizar este tipo de reposição somente quando se sentiu seguro de não errar, visto que são regiões próximas ao alvo que defende.

O setor de Média Distância 2, que foi a mais acionada pelo goleiro, obteve 63,46% de ações erradas contra 36,54% de ações certas. E as reposições de bola parada no setor de Longa Distância, a segunda mais acionada pelo goleiro, obteve um aproveitamento de 66,67% de ações erradas contra 33,33% de ações certas. Os setores à frente do meio-campo, portanto representaram opções de “desafogo” para o goleiro, no intuito de afastar a bola do seu gol, e nem sempre sendo eficiente na manutenção da posse da mesma.

Abaixo segue a tabela de análise detalhada geral deste item:



as mãos no setor de Média Distância 2 obteve o pior aproveitamento com 75,00% de ações certas contra 25,00% de ações erradas.

Em geral o que se pode observar, é que o aproveitamento das reposições de bola em jogo com as mãos foi muito alto, independentemente do setor escolhido para repô-la.

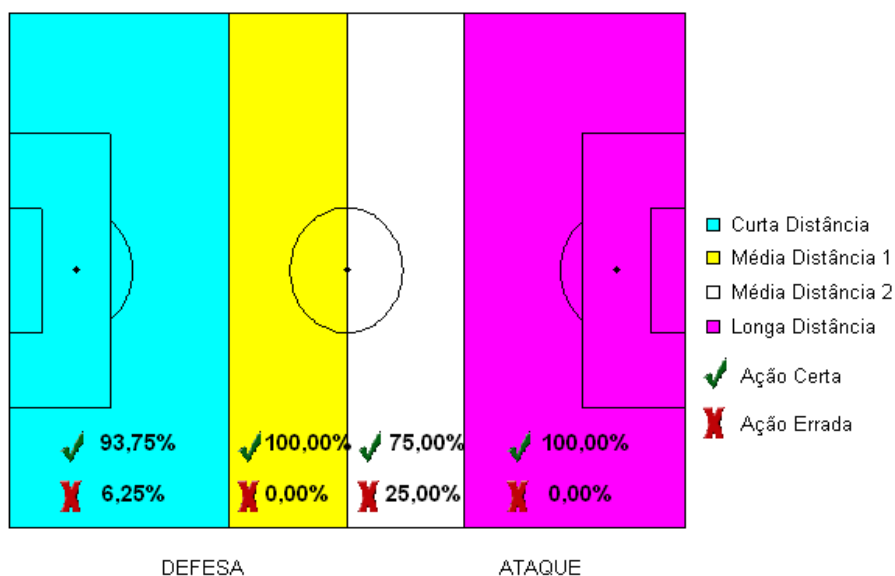
Abaixo segue a tabela de análise detalhada geral deste item:

Ação Observada	Total	Média	% no setor	% no Total	Mínimo	Máximo
RBJM Curta Distância Certa	15	1,88	93,75%	50,00%	0	8
RBJM Curta Distância Errada	1	0,13	6,25%	3,33%	0	1
RBJM Média Distância 1 Certa	9	1,13	100,00%	30,00%	0	2
RBJM Média Distância 1 Errada	0	0,00	0,00%	0,00%	0	0
RBJM Média Distância 2 Certa	3	0,38	75,00%	10,00%	0	2
RBJM Média Distância 2 Errada	1	0,13	25,00%	3,33%	0	1
RBJM Longa Distância Certa	1	0,13	100,00%	3,33%	0	1
RBJM Longa Distância Errada	0	0,00	0,00%	0,00%	0	0
TOTAL RBJM CURTA DISTÂNCIA	16	2,00	100,00%	53,33%	0	8
TOTAL RBJM MÉDIA DISTÂNCIA 1	9	1,13	100,00%	30,00%	0	2
TOTAL RBJM MÉDIA DISTÂNCIA 2	4	0,50	100,00%	13,33%	0	2
TOTAL RBJM LONGA DISTÂNCIA	1	0,13	100,00%	3,33%	0	1
TOTAL RBJM	30	3,75	-	100,00%	0	9

**Tabela 26:** Reposição de Bola em Jogo com as Mãos por Setor x Manutenção (Certa) ou Perda (Errada) da Posse de Bola.

(RBJM = Reposições de Bola em Jogo com as Mãos).

No campograma abaixo também podemos visualizar os setores e o aproveitamento das Reposições de Bola em Jogo com as Mãos em cada uma delas:



**Figura 28:** Aproveitamento nos Setores de Reposições de Bola em Jogo com as Mãos

Dentro de cada um dos setores de **Reposição de Bola em Jogo com os Pés**, cruzamos os dados com ações Certas e Erradas.

O setor Média Distância 1 teve 100% de reposições certas, ou seja, todas as reposições neste setor culminaram em sequência imediata determinada com posse de bola da equipe do goleiro.

O setor de Longa Distância, que foi a mais acionada pelo goleiro, obteve 40,00% de ações certas contra 60,00% de ações erradas. E as reposições de bola em jogo com os pés no setor de Média Distância 2 obtiveram o pior aproveitamento com 25,00% de ações certas contra 75,00% de ações erradas. Isto também corrobora as discussões iniciadas no tópico anterior, de que as reposições de bola em jogo com os pés são mais eficientes em afastar a bola do gol protegido e menos eficientes em manter a posse da mesma.

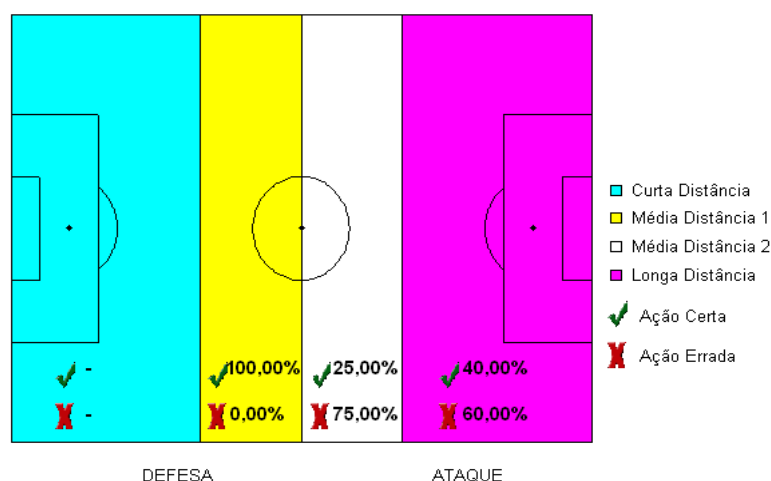
Abaixo segue a tabela de análise detalhada geral deste item:

Ação Observada	Total	Média	% no setor	% no Total	Mínimo	Máximo
RBJP Curta Distância Certa	0	0,00	-	0,00%	0,00	0,00
RBJP Curta Distância Errada	0	0,00	-	0,00%	0,00	0,00
RBJP Média Distância 1 Certa	1	0,13	100,00%	4,17%	0,00	1,00
RBJP Média Distância 1 Errada	0	0,00	0,00%	0,00%	0,00	0,00
RBJP Média Distância 2 Certa	2	0,25	25,00%	8,33%	0,00	1,00
RBJP Média Distância 2 Errada	6	0,75	75,00%	25,00%	0,00	2,00
RBJP Longa Distância Certa	6	0,75	40,00%	25,00%	0,00	3,00
RBJP Longa Distância Errada	9	1,13	60,00%	37,50%	0,00	4,00
TOTAL RBJP CURTA DISTÂNCIA	0	0,00	-	0,00%	0,00	0,00
TOTAL RBJP MÉDIA DISTÂNCIA 1	1	0,13	100,00%	4,17%	0,00	1,00
TOTAL RBJP MÉDIA DISTÂNCIA 2	8	1,00	100,00%	33,33%	0,00	2,00
TOTAL RBJP LONGA DISTÂNCIA	15	1,88	100,00%	62,50%	0,00	4,00
TOTAL RBJP	24	3,00	-	100,00%	0,00	5,00

**Tabela 27:** Reposição de Bola em Jogo com os Pés por Setor x Manutenção (Certa) ou Perda (Errada) da Posse de Bola.

(RBJP = Reposições de Bola em Jogo com os Pés).

No campograma abaixo também podemos visualizar os setores e o aproveitamento das Reposições de Bola em Jogo com os Pés em cada uma delas:



**Figura 29:** Aproveitamento nos Setores de Reposições de Bola em Jogo com os Pés

Não cruzaremos os dados de Setor de **Recuo de Bola para o Goleiro** com ações certas e erradas, já que todas as ações de recuo de bola foram consideradas certas.

Dentro de cada um dos setores de **Passes do Goleiro**, cruzamos os dados com ações Certas e Erradas.

O setor Média Distância 1 teve 100% de passes certos, ou seja, todas as reposições neste setor culminaram em sequência imediata determinada com posse de bola da equipe do goleiro.

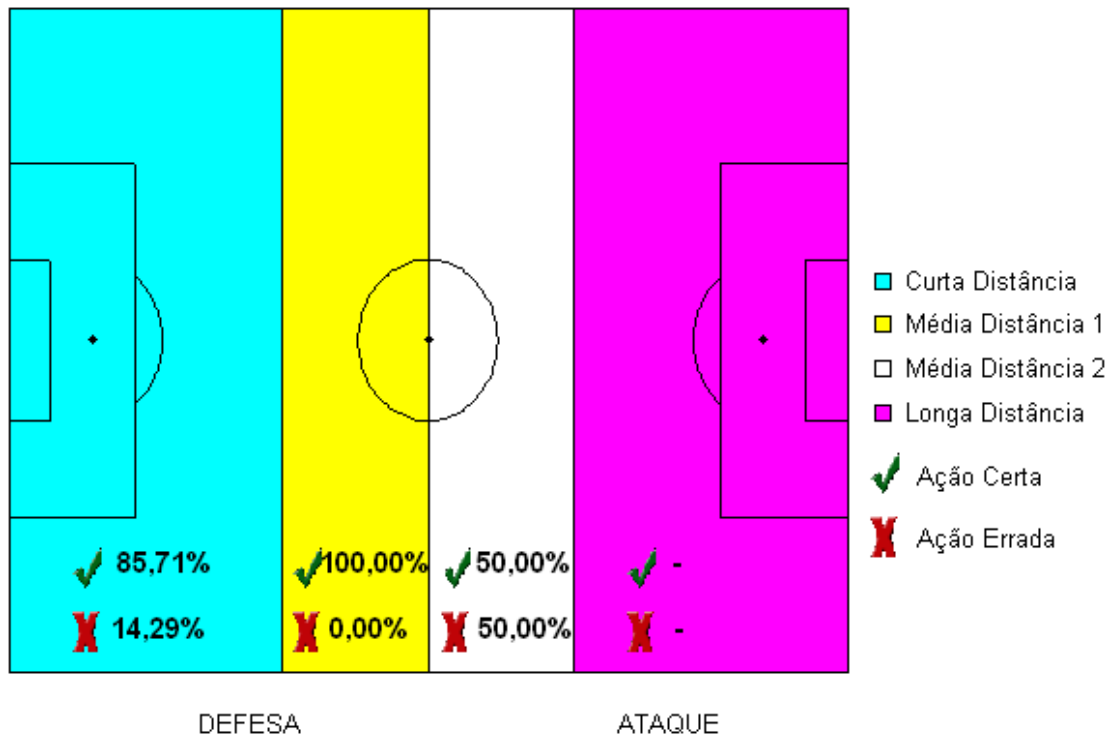
O setor de Curta Distância, que foi a mais acionada pelo goleiro, obteve 85,71% de ações certas contra 14,29% de ações erradas. E os passes do goleiro no setor de Média Distância 2 obtiveram o pior aproveitamento com 50,00% de ações certas contra 50,00% de ações erradas.

Abaixo segue a tabela de análise detalhada geral deste item:

Ação Observada	Total	Média	% no setor	% no Total	Mínimo	Máximo
Passes Curta Distância Certo	6	0,75	85,71%	60,00%	0	2
Passes Curta Distância Errado	1	0,13	14,29%	10,00%	0	1
Passes Média Distância 1 Certo	1	0,13	100,00%	10,00%	0	1
Passes Média Distância 1 Errado	0	0,00	0,00%	0,00%	0	0
Passes Média Distância 2 Certo	1	0,13	50,00%	10,00%	0	1
Passes Média Distância 2 Errado	1	0,13	50,00%	10,00%	0	1
Passes Longa Distância Certo	0	0,00	-	0,00%	0	0
Passes Longa Distância Errado	0	0,00	-	0,00%	0	0
TOTAL PASSES CURTA DISTÂNCIA	7	0,88	100,00%	70,00%	0	2
TOTAL PASSES MÉDIA DISTÂNCIA 1	1	0,13	100,00%	10,00%	0	1
TOTAL PASSES MÉDIA DISTÂNCIA 2	2	0,25	100,00%	20,00%	0	2
TOTAL PASSES LONGA DISTÂNCIA	0	0,00	-	0,00%	0	0
TOTAL PASSES	10	1,25	-	100,00%	0	2

**Tabela 28:** Passes do Goleiro por Setor x Manutenção (Certa) ou Perda (Errada) da Posse de Bola.

No campograma abaixo também podemos visualizar os setores e o aproveitamento dos Passes do Goleiro em cada uma delas:



**Figura 30:** Aproveitamento nos Setores de Passes do Goleiro



## 6 Conclusões

De acordo com os resultados encontrados neste estudo, dentro das condições apresentadas para a coleta e análise de dados, podemos finalizar com as seguintes considerações gerais:

- Considerando o total de ações do goleiro, o estudo apontou para uma exigência de 264 ações do goleiro ao final das oito partidas, sendo em média 33 ações por partida.
- A maior parte das ações do goleiro observadas por este estudo, 64,02% foram ações de Participação Ofensiva, ou seja, exatas 169 ações nas oito partidas, sendo em média 21,13 ações por partida,
- Pensando pela ótica dos princípios operacionais (Bayer, 1992), entendemos que a função determinante do goleiro no jogo de futebol seja a proteção do alvo, porém os dados aqui levantados nos levam a refletir sobre a ação predominante (participação ofensiva). Esta relação entre predominante e determinante pode nos ajudar a refletir o quanto cada um tem de importância no momento de se treinar para o jogo.

Com relação às Ações de Saída de Gol concluímos:

- Ao final das oito partidas analisadas, pudemos observar 62 ações de Saída de Gol, sendo em média 7,75 por partida. Dessas intervenções 72,58% originaram-se em ações do adversário e 27,42% foram oriundas de bolas cuja posse não tinha equipe definida e o goleiro realizou uma saída de gol para recuperá-la.
- 60% das Ações do Adversário (3,38 ações por partida) que originaram saída de gol do goleiro ocorreram com a bola rolando. Isso demonstra a importância de treinar saídas de gol sob pressão de tempo e adversários tentando alcançar a bola.
- As áreas onde mais houve ações do adversário que originaram Saídas de Gol do goleiro observado foram a Linha de Fundo e a Diagonal de Curta Distância, cada uma com 35,56% do total das ações do adversário e em

média 2 vezes por partida.

- Os setores que menos originaram ações de saída de gol do goleiro, foram a Diagonal de Longa Distância e a Frontal de Longa Distância cada uma com 8,89% do total das ações do adversário e em média 0,5 vezes por partida. Com a bola nestes locais o goleiro pode realizar outras funções, estando atento e concentrado para, por exemplo, atuar na comunicação com o sistema defensivo da sua equipe, a fim de corrigir falhas no balanço defensivo, flutuação e cobertura defensiva.
- A maior parte das ações de Saída de Gol foram as Bolas Recuperadas, com 38,71% do total, sendo em média 3 ações por jogo, o que reforça que o goleiro deve estar sempre atento para realizar coberturas defensivas da última linha de marcação para intervir rapidamente no caso de bola sem posse.

Com relação às Ações de Proteção da Meta concluímos:

- Foram observadas em média 4,13 ações de Proteção da Meta por partida, a partir de 33 ações de finalização em gol. Foram constatadas outras 42 finalizações para fora, que não foram analisadas por não terem intervenção efetiva do goleiro.
- 96,97% consistiu em Finalização com Bola em Jogo. Não houve finalização de bola parada de origem fora da área com intervenção do goleiro.
- A baixa média de finalizações por jogo (4,13), uma a cada 22' aproximadamente, pode ser um problema para mantê-lo concentrado durante os 90 minutos se ele não estiver envolvido em todas as fases do jogo de sua equipe.
- 51,52% das finalizações ao alvo foram Finalizações Baixas, sendo em média foram 2,13 finalizações deste tipo por jogo. Andujar e Toro (2001) encontraram dados ligeiramente maiores em seu estudo na Eurocopa 2000, sendo que em média foram encontradas 2,65 finalizações baixas por jogo, sendo as finalizações baixas a maioria das finalizações também neste estudo.
- A maioria das finalizações do adversário ocorreu Dentro da Área com

60,61% do total das finalizações, sendo em média 2,5 vezes por partida. O segundo setor onde mais ocorreram finalizações do adversário foi Frontal de Curta Distância com 30,30% do total das finalizações, sendo em média 1,25 vezes por partida. Tais achados vão de encontro com a definição de Brusco et.al (2009) de regiões de altíssimo risco (dentro da área) e alto risco (frontal à grande área).

- 69,7% das ações de proteção da meta obtiveram sucesso (defesa) e 30,3% não obtiveram sucesso (gols sofridos). Comparar as médias de jogo com as médias de treino e discutir os resultados com o goleiro.
- A maioria dos gols sofridos foi de Dentro da Área com 70% dos gols sofridos, sendo em média 0,88 por jogo, que coincide com a região de altíssimo risco.
- A segunda região onde mais ocorreram gols sofridos foi a região Diagonal de Curta Distância com 20% dos gols sofridos. Considerando que somente houve 3 finalizações de tal setor, 66,67% se transformaram em gol, o que representa um baixo índice de sucesso do goleiro. Esse dado pode ser discutido com a postura do goleiro em esperar um cruzamento ou passe do adversário quando o mesmo se encontra com a bola nesta região, tendo mais variáveis para sua tomada de decisão.
- Foi registrado somente 1 gol sofrido em finalizações Frontais de Curta Distância, representando 10,00% dos gols sofridos totais. Considerando o fato de terem ocorrido 10 finalizações desta região, apenas 10% converteram-se em gols, ou seja, esta foi a região com melhor aproveitamento do goleiro em relação ao adversário.
- 70% do total foram Gols Sofridos em Finalizações Baixas, numa média de 0,88 por partida. Considerando que houve 17 Finalizações Baixas, o Adversário teve um aproveitamento de convertê-las em gol em 41,17% das oportunidades. Andujar e Toro (2001) também encontraram em seu estudo, na Eurocopa 2000, gols sofridos na maioria em finalizações baixas, no caso com 52,94% dos gols sofridos sendo nesta altura.
- A Finalização Alta foi pouquíssimo eficiente por parte do adversário, com apenas 1 gol em 11 tentativas (9,09%), sendo o tipo de defesa mais eficiente do goleiro.

Com relação às Ações de Participação Ofensiva concluímos:

- Ao final das oito partidas analisadas, pudemos observar 169 ações de Participação Ofensiva do goleiro, sendo em média 21,13 ações por jogo, caracterizando-se essa como a ação onde mais houve intervenção do jogador observado.
- As Reposições de Bola Parada representam 54,44% de todas as ações de participação ofensiva, ocorrendo em média 11,5 vezes por jogo. Andujar e Toro (2001) encontraram 12,81 (Copa 1998) e 12,02 (Euro 2000) reposições de bola parada respectivamente por jogo, números ligeiramente superiores aos encontrados aqui.
- De todas as reposições de bola parada, a maioria (55,43%) resultou em perda imediata da posse de bola. Assim como as reposições de bola em jogo com os pés, onde 62,50% resultaram em perda da posse.
- A maioria das ações de Reposição de Bola em Jogo com as Mãos (93,33%) resultaram em manutenção da posse de bola, o que comprova maior eficiência (quando este é o objetivo) para tal tipo de reposição, possivelmente pela precisão que o goleiro possui em controlar a bola com as mãos e lança-la a um alvo, no caso, um companheiro.
- Todas as ações de Recepção de Recuo de Bola foram consideradas Certas, não havendo, portanto, Recepção de Recuo de Bola Errada, o que nos leva a entender que se trata de uma ação de segurança, sendo utilizada em momentos onde o goleiro é uma linha de passe confortável para que o companheiro possa busca-lo.
- 80% dos passes realizados pelo goleiro chegaram a um companheiro, sendo mantida a posse de bola. Porém tal fundamento foi pouco utilizado (5,92% das ações de participação ofensiva e 3,79% das ações totais). Podemos concluir que ou o goleiro foi muito pouco usado mesmo tendo condições para sê-lo, ou foi utilizado somente em momentos de extrema segurança.
- Com relação ao setor do campo, as reposições realizadas com os pés (bola em jogo e bola parada), em mais de 85% das vezes buscaram setores à frente do meio-campo. Isso pode ser discutido e analisado como uma ação de segurança (afastar a bola do gol defendido) e explicar

o alto percentual de perda imediata da posse após a reposição.

- Já as reposições com as mãos objetivaram em 83,33% dos casos buscar companheiros posicionados atrás da linha de meio-campo. Isso pode ser explicado por uma menor força no lançamento com as mãos e com o objetivo de manter a posse de bola, explicando os resultados acima citados.
- 76,92% dos recuos de bola ocorreram da região Curta Distância, onde o goleiro ofereceu uma linha segura de passe, possivelmente auxiliando o companheiro com a bola a desafogar de uma situação de pressão.
- 70% dos passes realizados pelo goleiro também buscaram companheiros posicionados no setor Curta Distância, caracterizando uma intenção de manutenção da posse de bola ou ainda uma progressão valorizando a posse da mesma.
- De posse destes dados, podem os membros das comissões técnicas (treinadores, treinadores adjuntos, treinadores de goleiro e todos os demais) utilizar as informações para incorporar nas sessões de treino cada vez mais situações próximas às que ocorrem no jogo, ou mesmo utilizarem os métodos para fazerem suas determinadas análises.

## Referências

ANDUJAR, P.S.B.; TORO, E.O. **Estudio comparativo de las acciones realizadas por los porteros de fútbol participantes em el mundial de Francia 1998 vs Eurocopa 2000**. Revista Digital Efdeportes, Espanha, Ano 8 – nº49 – Junho 2002 site: <http://www.efdeportes.com/efd49/francia.htm>. Acesso em novembro de 2011.

BRUSCO, F. R.; LEONARDO, L.; LIZANA, C.; BARROS, E.; MARTINS, E.; GÔNGORA, A. **Metodologia Futebol Arte: Descrição Metodológica, Fundamentos Teórico-Práticos e Proposta Curricular**. Paulínia, 2009. 271 p. Trabalho não publicado. Acesso em novembro de 2011.

BARROS, R.M.L.; CUNHA, S.A.; MAGALHÃES, W.J.; GUIMARÃES, M.F. *Representation and analysis of soccer players' actions using principal components*. Journal of Human Movement Studies, 2006, 51:103-116.

BAYER, C. **La enseñanza de los juegos deportivos colectivos: baloncesto, futbol, balonmano, hockey sobre hierba y sobre hielo, rúgbi, balonvolea, waterpolo**. 2.ed. Barcelona: Hispano Europea, 1992.

CIANCIARULO, B. **Análise das Sequências Ofensivas Resultantes em Gol da Copa do Mundo FIFA 2010 na África do Sul**. 2010. 65f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

FERREIRA, Everton Tostes. **Análise quantitativa das ações técnicas de defesa do goleiro de futebol no treino específico e jogo**. 2009. 69 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Esporte) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

GARGANTA, J. A análise da performance nos jogos desportivos: revisão acerca da análise do jogo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. V1(1), p. 57-64, 2001.

LEITÃO, R. A. A. **Futebol: Análises qualitativas e quantitativas para verificação e modulação de padrões e sistemas complexos de jogo**. 2004. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

\_\_\_\_\_. **O JOGO DE FUTEBOL: investigação de sua estrutura, de seus modelos e da inteligência de jogo, do ponto de vista da complexidade**. 2009. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

MICHAELIS, H. **Dicionário inglês-português**. São Paulo: Melhoramentos, 1992.

MOINO, Gustavo. **Análise tática da exigência de situações de jogo para goleiros Jovens**. Campinas, 31 p. Trabalho não publicado. Acesso em novembro de 2011.

SILVA, Ana Lúcia Salve. **Scout**: Análises Qualitativas e Quantitativas Aplicada ao Futebol. 2007. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

SOUZA, Marcos Timóteo Rodrigues. **Artigos**: A descrição do scout do jogo como ferramenta de treinamento para goleiros. Disponível em:<  
<http://www.universidadedofutebol.com.br/ConteudoCapacitacao/Artigos/Detalle.aspx?id=2082&p=>>. Publicado em 28/07/2009. Acesso em novembro de 2011.

VIEIRA, Felipe Borghi. **Avaliação da Performance do Goleiro de Futebol**: Uma análise com ênfase no scout. 2009. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física. UNICAMP, Campinas, 2009.

VIEIRA, Conrado Padovam. **Futsal**: proposta de scout e análise de ações ofensivas de finalização em jogos do mundial masculino de futsal 2008. 2010. 51f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.